

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

R. E. Howard
Willard H. Taylor
John A. Knight
John B. Nielson
Arnold E. Airhart
J. Glenn Gould

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

GÁLATAS A FILEMOM

9

A Epístola aos
COLOSSENSES

John B. Nielson

Introdução

A. Motivo

Ao escrever a Epístola aos Colossenses, Paulo entra em “grande combate” (2.1) com um dos oponentes mais tremendos de sua carreira. Este inimigo da igreja é uma combinação esquisita de práticas religiosas judaicas e orientais com cristianismo. Escritores que viveram em períodos posteriores ao do apóstolo denominaram essa combinação de gnosticismo. “Mas uma equação indiscriminada do erro colossense com os sistemas gnósticos posteriores é, seguramente, uma suposição precipitada.”¹

Esta heresia sutil, revelada no capítulo 2 da epístola, não é necessariamente tentativa de eliminar o Cristo da religião, mas de mostrar que ele é inadequado como Salvador dos homens. Cristo é, segundo esta posição, um ser criado, maior que os homens, claro, mas menor que Deus, um de muitos mediadores entre Deus e o homem. Cristo é despojado de sua deidade essencial e privado de sua obra propiciatória no Calvário. Os aspectos externos da religião — obras da justiça, ritualismo, asceticismo, abuso da carne, angelolatria, etc. — são enfatizados como marcas distintivas do estilo cristão. Para Paulo, tal concepção é inconcebível, diante do seu conhecimento de primeira mão (At 26.13ss.). E com um simples golpe de classe — “nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (2.9) —, ele coloca o quadro inteiro na perspectiva adequada. Cristo é tudo; ponto final.

Este conceito gnóstico ameaçou seriamente a igreja em Colossos. Foi o que ocasionou a reunião entre o pastor Epafras (1.7,8) e o apóstolo Paulo para lidar com o problema.

B. Autoria

O consenso da erudição cristã assevera que Paulo é o autor da epístola; o método e o conteúdo são paulinos. Certos estudiosos ainda questionam a autoria paulina.² Não obstante, a igreja primitiva atesta sua autenticidade. A carta está inclusa no Papiro Chester Beatty (P46), o mais importante papiro, o qual foi escrito em aproximadamente 200 d.C.³ M. Renan afirma que devemos receber Colossenses resolutamente como obra de Paulo.⁴

C. Data

Pelo que depreendemos, Paulo, na ocasião da escrita, estava na prisão (4.10), mas tinha liberdade para pregar (At 28.30,31; Cl 4.18). Demas ainda estava com ele (4.14; 2 Tm 4.10). Concluimos, portanto, que a data da escrita fica perto do fim do primeiro aprisionamento de Paulo em Roma, em cerca de 62 d.C.⁵ (talvez 60).

D. Destinatário

A carta é endereçada aos “santos” (1.2) em Colossos (ver Mapa 1), pequena cidade localizada ao lado de um córrego no vale do Lico, na Frígia, a uns 160 quilômetros de Éfeso, em direção ao interior. Situa-se a cerca de 16 quilômetros ao sul de duas cidades mais importantes mencionadas na epístola, Hierápolis, na margem norte, e Laodicéia, na margem sul.⁶

É possível que a igreja, que provavelmente se reunia em uma casa (4.15), tenha sido organizada quando Paulo morava em Éfeso (At 19.10). Entretanto, pode ser que Epafras, ou Paulo, tenham fundado a igreja mais cedo (At 16.6; 18.23). É estranho advogar, como fazem certos expositores, o ponto de vista de que Paulo nunca visitou as igrejas do vale do Lico (cf. At 18.23), sobretudo levando em conta que Paulo era trabalhador e viajante incansável e morou perto, em Éfeso, por dois anos. O fraseado de 2.1 indica que o apóstolo conhecia alguns crentes dali, ao mesmo tempo em que propõe o fato de ele não conhecer, nem ter visto outros.

Embora a cidade fosse pequena e relativamente insignificante, os cristãos dali e os assuntos da igreja eram de vital importância. Essa conjuntura estimulou Paulo a fazer esta declaração soberba sobre a cristologia. A carta foi entregue por Tíquico (4.7,8).

E. Propósito

“O empreendimento [de Paulo] é recusar confinar a Pessoa de Cristo nos limites do judaísmo messiânico, ou, por outro lado, negar espaço aos sistemas extravagantes da teosofia gnóstica, na qual o Jesus histórico fazia papel meramente subsidiário.”⁷

Paulo mostra a singularidade da fé cristã e seu inevitável conflito com todos os outros sistemas religiosos e filosofias humanas. A singularidade prende-se à *pessoa* de Cristo, pois o fruto da fé nele é a justiça ética (Cl 3.9). Paulo isolará todos os embusteiros de Cristo e de sua posição, e eliminará a prática de formular doutrinas de acordo com a sabedoria humana em vez de articulá-las segundo a revelação divina. Ele refutará todos os que desejam acrescentar outra exigência à salvação, senão Cristo, as quais, de alguma forma, depreciariam Jesus Cristo. Ele cumprirá seu objetivo, declarando que a *plenitude divina* habita em Jesus Cristo, que ele é o *mistério* que foi revelado, que *todos os tesouros da sabedoria e da ciência* estão nele e são por ele, e que a *perfeição* se dá somente em união com ele. O Cristo do evangelho que Paulo proclamava leva o indivíduo à “quietude, em vez de este ficar correndo atrás de toda opinião contraditória”.⁸

É cada vez mais óbvio que o problema na comunidade de Colossos é pertinente em nossos dias de certo modo não existente há uma geração. O mundo está se abrindo a passos largos para aceitar a suposta noção gnóstica de Cristo, a qual sustenta que ele se adapta a todas as religiões e sistemas. Os erros dos colossenses também são os erros de hoje. Diante de tantos cultos, a questão continua perene: “Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?” (Mt 22.42). Uma vez mais, cada indivíduo tem de identificar Jesus Cristo por conta própria nos termos bíblicos e segundo suas considerações. E a Epístola aos Colossenses é esplendidamente adequada para tornar essa identificação possível.

Esboço

I. OBSERVAÇÕES PREPARATÓRIAS, 1.1-14

- A. O Chamado de Paulo como Apóstolo, 1.1,2
- B. A Confiança de Paulo nos Colossenses, 1.3-8
- C. A Preocupação de Paulo pelo Desenvolvimento Espiritual, 1.9-14

II. A CRISTOLOGIA DE PAULO, 1.15-29

- A. O Conceito que o Apóstolo faz de Cristo, 1.15-20
- B. A Contingência da Graça Salvadora, 1.21-23
- C. A Comissão e Envolvimento de Paulo, 1.24-29

III. O COMBATE, 2.1-23

- A. Doutrina, 2.1-15
- B. Dever, 2.16-23

IV. CONCLUSÃO, 3.1—4.6

- A. Novo Quadro de Referência, 3.1-4
- B. Renúncia Completa, 3.5-11
- C. Responsabilidade Moral, 3.12—4.6

V. DESPEDIDA, 4.7-18

- A. Os Portadores da Mensagem, 4.7-14
- B. Os Destinatários da Mensagem, 4.15-17
- C. A Assinatura do Remetente, 4.18

SEÇÃO I

OBSERVAÇÕES PREPARATÓRIAS

Colossenses 1.1-14

Ao escrever a Epístola aos Colossenses, Paulo desafia o que escritores mais tarde denominaram de gnosticismo. Esta falsa filosofia era inimigo mortal de Cristo e da igreja. O primeiro capítulo da carta é preliminar ao “grande combate” (2.1), fator que nos leva a vê-los em conjunto. Aqui, Paulo apresenta os fundamentos para o combate, fixa o tom e constrói suas contestações para tirar a limpo tais controvérsias. Para isso, ele convoca a mais alta Autoridade, o próprio Deus, para testemunhar contra esta seriíssima ameaça a Cristo. Em seguida, o apóstolo declara a certeza de que a experiência inicial dos crentes colossenses concentrava-se somente em Cristo.

Logo após estas observações introdutórias, Paulo afirma, em termos meticolosos, a indispensabilidade para o combate, a natureza e obra essenciais do Senhor Jesus Cristo. E depois de dar um aviso da mais alta gravidade, ele declara seu envolvimento vigoroso nesta causa justa.

A. O CHAMADO DE PAULO COMO APÓSTOLO, 1.1,2

Esta carta é de um homem em Cristo para uma igreja em Cristo. Epafra, pastor de Colossos (1.7; 4.12,13), notifica Paulo acerca da condição espiritual da igreja que pastoreia. Ele relata que surgiu uma terrível heresia que ameaça sua congregação. O apóstolo logo toma medidas para opor-se ao falso ensino. Como ocorreu antes, no Con-

cílio de Jerusalém (At 15.12) e no Concílio de Antioquia (Gl 2.1ss.), Paulo, o apóstolo de Jesus Cristo, não admite que nada dilua o evangelho. Ele apresentará suas argumentações de forma concisa, clara e sem medo. Como comentado na Introdução, ele envia a carta por Tíquico (4.7,8).

1. Autorização (1.1)

A carta começa com a saudação familiar de Paulo. Ele diz seu *nome*. A igreja primitiva reconhece que **Paulo** é o autor inquestionável da carta.¹ É plausível que a comunidade cristã primitiva tenha lhe dado outro nome, trocando Saulo por Paulo imediatamente após ele ter se convertido (At 13.9). Por outro lado, certos expositores sugerem que ele mantinha ambas as formas do nome (a hebraica e a grega) desde o nascimento,² fator necessário em um ambiente como Tarso, sua cidade natal, uma comunidade de três culturas — a grega, a romana e a hebraica.³

Paulo apresenta seu *ofício*, **apóstolo**, “enviado” ou “mensageiro” (CH) que satisfaz qualificações especiais (1 Co 9.1). Embora haja indivíduos, como Barnabé, inclusos numa categoria geral de mensageiros do Senhor (At 14.14; Fp 2.25), Paulo é um apóstolo especial, divinamente comissionado e enviado, talvez tomando o lugar de Judas como um dos doze (At 1.20; 1 Co 15.8,9).

Ele também declara sua *autoridade*. Ele é **apóstolo de Jesus Cristo**. Ainda que ambas as ordens sejam usadas em lugares diferentes, “Cristo Jesus” (AEC, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA) é a ordem correta das duas palavras de acordo com os melhores textos gregos. Neste caso, há leve destaque na palavra **Cristo**, provavelmente por causa da natureza do combate que se segue. Paulo enfatizaria o Senhor exaltado em vez de **Jesus**, conforme ele era conhecido nos dias da sua carne. A expressão a **vontade de Deus** eleva a autoridade do apóstolo ao mais alto nível.

As palavras introdutórias de Paulo revelam algo de sua *humildade*. Na saudação, ele inclui o (lit.) **irmão Timóteo**, querendo dizer que um dos seus convertidos é igual a ele em relação a **Cristo**. Nas religiões pagãs, um escravo iniciado em um culto de mistério não era mais escravo, mas um homem livre que morava com seu antigo dono.⁴ Na comunidade cristã, não podia ser menos que isso. O escravo que se tornava crente em **Cristo** não devia mais ser tratado como escravo, mas como **irmão** amado (Fm 16; 1 Tm 6.2). Esta é a revelação bíblica das relações cristãs essenciais. Embora Paulo seja mensageiro especial do Senhor **Jesus Cristo** e **apóstolo** do mais alto posto, ele ainda é apenas um entre muitos membros da fraternidade cristã. Aqui, a frase **o irmão** significa, não a fraternidade ampla dos homens, mas a fraternidade dos cristãos.⁵

2. Saudação (1.2)

A carta é endereçada **aos santos e irmãos fiéis em Cristo**. Se considerarmos o sentido adjetival de **santos**, então eles são os **irmãos santos** e confiáveis; são **santos e fiéis** porque estão **em Cristo**. Se compreendermos a relação causal, então estes são **irmãos** porque são **santos**. A primeira opção se afigura melhor. Literalmente, o grego diz: “aos em Colossos, irmãos santos e confiáveis em Cristo”. **Fiéis** pode ser traduzido por “confiáveis” ou “dignos de confiança” e “confiantes” ou “crentes”. O termo **irmãos** também indica que estes indivíduos são **irmãos** de Paulo, porque eles estão **em Cristo** com ele. A relação é tanto com **Cristo** quanto com Paulo e Timóteo.

Pelo que depreendemos, estes nomes e títulos visam preparar as pessoas a quem a carta foi endereçada, a fim de que recebam a mensagem de Paulo. A palavra grega traduzida por **santos** (*hagiois*) conota qualidade moral. Indica posição **em Cristo**, como entendem certos expositores,⁶ e condição moral; não apenas dedicação, mas também justiça ética. O propósito e mensagem da carta confirmam esta opinião. Paulo não está exigindo “santos” enclausurados ou nomeados por homens, mas homens morais (cf. 3.5ss.). O propósito do autor é salvar os crentes colossenses dos erros do asceticismo, ritualismo, festas e ordenações humanas como sinais do cristão (2.16ss.). Em vez disso, ele os conduz à unidade ética com Cristo (3.1ss.) como o verdadeiro sinal (3.9). Nem todos os santos são necessariamente maduros. Eles têm problemas de crescimento, mas devem ser justos. Como afirma Maclaren: “Os santos não são um tipo elevado de cristão, mas todos os cristãos são santos, e quem não é santo não é cristão”.⁷ Mas para que não pensemos que Paulo esteja sugerindo que a moralidade é em si mesma suficiente, ele acrescenta as palavras **em Cristo**. “Os santos são aceitos somente em virtude de estarem em Cristo. [...] Fora de Cristo os melhores santos se mostrarão pecadores e incapazes de ficar na presença de Deus.”⁸

A localidade da igreja endereçada é tanto **em Cristo** quanto **em Colossos**, duas esferas da vida cristã. Contanto que permaneçam **em Cristo**, os santos **em Colossos** estarão protegidos do erro. **Em** (lit.) **Colossos** os identifica. Certos intérpretes sugerem que a frase os elogia, pois, embora sejam habitantes de cidade tão pequena, a mensagem de Deus também é para eles (cf. nota 22).

Com a expressão **em Cristo**, chegamos ao cerne da religião de Paulo. É a fórmula do evangelho que ele pregava autorizadamente em todos os lugares (Gl 1.8,12). Esta fórmula se originou da nova relação que ele mantinha com Cristo, uma relação de duas vias que era uma união vital: ele **em Cristo** e Cristo nele (2 Co 5.17; Cl 1.27). Cristo se tornara para ele, pela experiência na estrada de Damasco (At 26.15), não uma pessoa do passado histórico de quem ele só podia ler e estudar a respeito, mas uma Pessoa viva com quem ele mantinha comunhão diária. Os termos **em Cristo** se tornaram o centro de sua teologia e a fórmula de sua vida religiosa. Schmoller afirma que “a expressão grega *en Christo* é fórmula de significação tão profunda nas epístolas de Paulo, que talvez seja sempre melhor detectar nela a idéia de união, comunhão com Cristo”.⁹ A expressão é usada por Paulo para mostrar o mistério da encarnação e o meio pelo qual se cumpre potencialmente, quando não de fato, a obra propiciatória de Cristo no Calvário. A. J. Gordon declara: “Não há palavras da Bíblia, exceto estas: ‘Deus se manifestou em carne’, que mantenham em si o mais profundo mistério que a fórmula simples da vida cristã em Cristo”.¹⁰

A saudação de Paulo, **graça... e paz**, foi, provavelmente, retirada da experiência cristã e não das influências gregas ou é combinação das saudações do Ocidente e do Oriente. Ele usa palavras e frases gregas, mas as enche inteiramente de significado cristão. Pelo que entendemos, estas palavras estão relacionadas como causa e efeito. A **graça** de Deus traz **paz**. E a **paz** nunca será conhecida no mundo de hoje sem a **graça** de Deus — a **graça** que vem de Deus, nosso Pai (cf. Lc 2.14).

As palavras **e da do Senhor Jesus Cristo** não ocorrem nos melhores manuscritos (estão ausentes em BAB, BJ, BV, CH, NTLH, RA). Mas o acréscimo da frase não prejudica o significado do texto, visto que todas as bênçãos espirituais vêm por **Jesus Cristo** e

nele estão (14ss.; 2.10). Além disso, as palavras em questão estão inclusas no versículo seguinte. Quando estas duas Pessoas se unem no ministério da graça, a deidade de Jesus se mostra. Todavia, quase não há necessidade de unir estas duas Pessoas neste versículo, pois Paulo vai revelar **Cristo** de modo inigualável ao longo da carta.

B. A CONFIANÇA DE PAULO NOS COLOSSENSES, 1.3-8

1. *A Experiência que os Colossenses têm de Cristo* (1.3-5a)

Identificamos duas maneiras em que Paulo mostra confiança na experiência cristã dos crentes colossenses.

a) *Apreço por eles* (1.3). Ele ora a favor deles. **Graças damos** é qualidade característica e elemento essencial nas orações e exortações de Paulo à oração (1.12; 4.2). Só em Gálatas não ocorre a palavra nas saudações de Paulo.¹¹ Na forma verba **damos** estão, no mínimo, Paulo, Timóteo e Epafras (4.12,13). Com base no texto grego, há dúvida sobre a tradução correta. O grego diz: “Nós damos graças [...] sempre orando por vós”. É “graças sempre” ou “sempre orando”? Pelo visto, qualquer uma das duas opções é adequada ao pensamento de Paulo. E a causa para a ação de graças é a trilogia da qualidade dos santos — a fé, o amor e a esperança —, a qual ele percebe que neles está.

A Deus, Pai (3) deveria ser “a Deus, o Pai”, mostrando mais claramente a relação exclusiva de Jesus com o Pai.¹²

Orando sempre por vós (3) significa que **sempre** que Paulo ora ele os inclui. A essência de suas orações por eles está esboçada em 1.9-13, e é a favor dos irmãos que ele não conhecia (2.1), bem como pelos que conhecia, porque eles também estão em Cristo.

Embora Paulo esteja muito preocupado, ele ainda está animado com o relatório recebido e agradece a Deus por estes irmãos. Certos estudiosos deduzem que as palavras **porquanto ouvimos** (3), junto com pensamento semelhante em 1.8,9 e 2.1, dão a entender que Paulo nunca visitou Colossos. Mas estas expressões podem significar simplesmente que Paulo não conhecia pessoalmente *todos* os crentes de lá.¹³ Seja como for, Paulo fundamenta todas as suas observações, orações e ação de graças no relatório confiável de Epafras, o fiel pastor dos colossenses (7).

b) *Reconhecimento da graça neles* (1.4,5a). Temos aqui a famosa trilogia paulina das graças cristãs — **fé**, **caridade** (“amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA) e **esperança**. Cada uma tem seu próprio *objeto*: a **fé** tem por seu objeto o Salvador divino, pois esta é a força da ordem das palavras **Cristo Jesus**; o amor se expressa aos santos; e a **esperança** tem por seu objeto o tesouro **nos céus**. Cada uma tem sua própria *esfera de atividade*: a fé opera na atmosfera do divino; o amor opera na comunidade dos santos; e a **esperança** opera no reino da promessa (1.27b). Cada uma tem sua própria *finalidade*: a **fé** é para inspirar; o amor é para criar lealdade mútua; e a **esperança** é para manter a fidelidade. É freqüente Paulo unir estas três graças, mas aqui estão em ordem incomum. Em 1 Coríntios 13, diríamos que elas estão dispostas na ordem de sua importância ética, com o **amor** cristão atuando em consequência da **fé** e da **esperança**. Aqui, elas estão na ordem da importância lógica. A **fé** em **Cristo Jesus** é o começo do amor

para com ele e **para com todos os santos**. A **fé** e o amor brotam da **esperança**, pois essa é a força da preposição grega *dia*. É, literalmente, **por causa da** (ou “pela”, BJ) **esperança** que a **fé** e o amor vêm. Por outro lado, não devemos limitar a verdade pelo significado expresso aqui. É também verdade que a **esperança** brota da **fé** em Cristo como uma experiência atual — “Cristo em vós, esperança da glória” (1.27b). As três graças — **fé**, amor e **esperança** — são elementos interligados e sincronizados de um todo, cada parte interpenetrando na outra.

A **esperança** (5a) presente também é futura: Ela **está reservada** (“armazenada” ou “preservada”, RA) **nos céus** (lit.; cf. 1 Pe 1.4). O crente se firma nas promessas que lhe dão **esperança**. Esta **esperança** é a base da sua inspiração, a **fé**, e a fonte da sua ética, o amor. Esta não é filosofia quimérica; trata-se de experiência presente e alegre (2 Co 4.16-18; 2 Tm 4.8; Hb 9.28). Embora Cristo esteja “lá no céu” (Cl 3.1), em sentido muito real ele está neles, e em nós, hoje.

2. O Conhecimento que os Colossenses têm de Cristo (1.5b-8)

a) *Pela iniciativa divina* (1.5b,6). **Da qual** se refere à esperança (cf. NTLH) “a respeito da qual” (NVI) **ouvistes** de Epafras e, possivelmente, do próprio Paulo. O verbo grego traduzido por **ouvistes** está no tempo aoristo, indicando um ato, decisão ou crise completa, quer dizer, eles creram ou aceitaram. **Antes** não se refere ao estado anterior à conversão,¹⁴ mas **antes** de darem ouvidos aos falsos mestres, ou **antes** da escrita da carta, ou além da carta. Na expressão **pela palavra da verdade do evangelho** (5b), a preposição “por” (**pela**) é instrumental, ou seja, é “por meio da” (NVI) pregação. **O evangelho** é a verdade em oposição ao falso ensino que Paulo está a ponto de expor. Este falso ensino é destituído do verdadeiro objeto da fé (Cristo), da verdadeira ética (o amor divino), da verdadeira experiência (a habitadora “esperança da glória”). Paulo chama a igreja de volta à verdade e dá indicações sobre esta no argumento a seguir. Qual é essa verdade? Ele a declarará em tom retumbante.

Que já chegou a vós (6) significa, literalmente, “está presente convosco”. **Em todo o mundo** é uma hipérbole legítima.¹⁵ Tradução mais precisa seria: “Até em todo o mundo ele [o evangelho] está dando fruto e crescendo até em vós”. Afigura-se irreal supor que todos, no mundo inteiro, ou que toda cidade ou aldeia tivesse ouvido o evangelho. Seria muito cedo para todos ouvirem.¹⁶ A gratidão do apóstolo é porque o evangelho está dando frutos nos crentes colossenses, como ocorre nos crentes de todas as partes do mundo onde quer que seja aceito e crido. Como diz Paulo: “Se *alguém* está em Cristo, nova criatura é” (2 Co 5.17, grifo meu). A justiça ética (10) é o fruto da fé em Cristo, sendo o mesmo em todos os lugares.¹⁷

O fruto de Paulo é uma religião universal. Vemos aqui sua perspectiva e ministério mundial. O cristianismo é fundamentalmente uma religião evangelística, igualmente aplicável a todas as pessoas, chegando a cada uma por revelação divina.

A palavra divina entregue e crida **já vai frutificando** (6; “dá fruto de si mesmo” [presente médio]), indicando que o evangelho livremente em ação nos crentes produz, de si mesmo, boas obras. Talvez os falsos mestres tivessem copiado este verbo dos ensinamentos de Jesus e lhe dado significado próprio. Wilfred Knox afirma que a frutificação era um “slogan gnóstico” e que aqui, Paulo está se opondo às reivindicações gnósticas.¹⁸ O fruto

cristão é ético (10; 3.5ss.); o evangelho dá o fruto do viver santo onde quer que vá. Há excelente apoio dos originais gregos para adicionar depois de **já vai frutificando** as palavras “e está aumentando” (cf. “e crescendo”, BAB, NVI, RA; cf. BJ).¹⁹ O evangelho se espalha com a frutificação, porque a semente é espalhada com o fruto. A voz média presente sugere reprodução contínua. “Paulo assevera que a fé em Cristo é em si a semente viva e crescente. Além disso, goza de comprovação universal”: **em todo o mundo**.²⁰ As palavras **como também entre vós** confirmam o fato notável de que a justiça ética nos crentes colossenses é o fruto da fé em Cristo.

Desde o dia em que ouvistes (6) o evangelho mostra que o evangelho da graça é preveniente. Não foram eles que o procuraram, mas ele veio a eles. E produz seus efeitos em tempo relativamente curto. **E conhecestes** (tempo aoristo indicativo) é um verbo forte em grego, significando “vistes” ou “examinastes”, “inspecionastes minuciosamente”. Eles vasculharam o evangelho, verificaram que era verdadeiro e “entenderam a graça de Deus”²¹ (NVI; cf. BJ, RA; cf. tb. At 17.11). A **graça de Deus** é expressão freqüente e fala de tudo que é maravilhoso e divino. Podemos entender **em verdade** de dois modos: a **graça de Deus** é a verdade, ou a **graça de Deus** está na **verdade**, o evangelho (2 Co 4.2; Cl 1.5). O homem se esforça para encontrar Deus nas falsas religiões; mas é Deus que desce para se revelar na verdade. O evangelho tem aplicação e resultados universais. Ninguém é favorecido acima de ninguém. Carson realça que os colossenses não são inferiores por viverem numa cidade pequena.²² Deus trabalha do mesmo jeito no mundo inteiro.

b) *Pela instrumentalidade humana* (1.7,8). Os crentes colossenses aprenderam de **Epafras** (4.12). Ele é o pastor deles, talvez o fundador da igreja naquela cidade.²³ Paulo atesta que **Epafras** lhes deu o ensino correto. Ele era **ministro** e mestre capaz.

Certos manuscritos trazem o vocábulo “também” (“como *também* aprendestes de Epafras”), mas os melhores textos originais o omitem.²⁴ Neste caso, subentende a probabilidade de Epafras ter organizado e fundado a igreja. Se acrescentado, indica ter havido outros mestres. **Aprendestes** (7, tempo aoristo) dá a entender um fato experiencial e não um processo interminável sempre aquém de conhecimento conclusivo. **Epafras** é pregador capaz e **fiel**. Paulo acrescenta que ele é o **nosso amado conservo** (7), um escravo de Cristo como o próprio apóstolo. Existe uma relação afetuosa e de confiança entre estes dois companheiros de prisão (Fm 23).

Que para vós (7) mostra o problema recorrente de como interpretar os pronomes gregos. É “para vós” ou “para nós”?²⁵ Na primeira opção, **Epafras** é digno de confiança; na última, ele é ministro fiel no lugar de Paulo. As evidências dos originais gregos não são conclusivas para nenhuma das duas opções, mas o significado não é significativamente alterado pela escolha de qualquer uma delas.

Paulo confia em Epafras como **um fiel ministro** (7). O evangelho foi apresentado corretamente. Prova disso é o “fruto” que havia nos crentes em Colossos (6). Paulo não permitirá que falsos mestres desacreditem o pastor dos colossenses.

Epafras **nos declarou** (8) mostra o pastor reportando uma ameaça à religião vital. Apesar da preocupação séria para que não haja desviados, o relatório do pastor ecoa notas de alegria e boa saúde, por causa da **caridade** (“amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA) que eles têm **no Espírito** (8). No versículo 9, ocorre o uso adjetival da palavra “espírito” (“inteligência espiritual”); aqui, temos o uso substantival, denotan-

do o **Espírito** Santo. Com esta declaração o Deus trinitário se revela. Esta é a única referência direta feita ao **Espírito** Santo nesta epístola. **No Espírito** é a esfera da operação do amor, que é a suma da ética cristã²⁶ (Rm 13.10). Semelhante amor se opõe ao asceticismo e ritualismo. O amor, deduzimos, é o principal item no relatório; é também o elemento essencial no pensamento do apóstolo em relação aos crentes colossenses.

C. A PREOCUPAÇÃO DE PAULO PELO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL, 1.9-14

Estes versículos constituem a oração intercessora de Paulo pelo aumento e desdobramento da revelação e experiência dos crentes colossenses. Esta oração é a resposta de Paulo ao relatório e mostra algo do caráter do apóstolo. Ele está contente com o relatório relativo aos crentes, mas muito preocupado com a ameaça à continuação do desenvolvimento espiritual deles, tendo em vista a heresia sutil que ali surgiu.

Aqui, temos “Uma Oração pelos Cristãos”: 1) Enchimento espiritual, 9; 2) Resposta ética, 10; 3) Capacitação divina, 11; 4) Apreciação pela graça divina (12-14).

1. *Discernimento Espiritual* (1.9)

Esta razão (9) seria a operação do amor cristão nos crentes colossenses, a respeito da qual o apóstolo havia acabado de escrever. Por isso, Paulo é realmente grato (3), e agora intercede por eles. **Desde o dia em que o ouvimos** é indicação de uma visita longa feita por Epafras. **Orar** e **pedir** (lit.) são participípios presentes que revelam constância e fidelidade (3) por parte de Paulo e seus companheiros.

a) *O conteúdo*. Paulo se preocupa com o volume, **cheios** (tempo aoristo passivo; nada de experiências incompletas²⁷), e com a substância, **sua vontade** (9). O termo grego *epignosis* (**conhecimento**) se torna termo técnico para contrastar a sabedoria humana pagã com a **sabedoria** e **conhecimento** divino. A sabedoria pagã é ritualista (2.16), visionária (2.18) e legalista (2.21), ao passo que o **conhecimento** divino é uma revelação e não uma dedução ou intuição de origem humana. Este **conhecimento** divino provém de uma experiência recíproca, qual seja, conhecer a Deus e ser conhecido de Deus, Cristo neles e eles em Cristo (2a; 27b). Ser **cheios do conhecimento da vontade** de Deus é entender o propósito e finalidade do “mistério” da encarnação e sacrifício de Cristo (27). Entender isto é o verdadeiro **conhecimento** (*gnosis*).

b) *O método*. **Em toda a sabedoria e inteligência** (“entendimento”, AEC, NVI, RA; “compreensão”, BAB, NTLH) **espiritual** (9) é o método do crescimento cristão. O “entendimento” (**inteligência**) da revelação divina só é conhecido por meios espirituais (1 Co 2.12-16). O método dos falsos mestres é puramente mental e humano. Cristo, o Filho de Deus (13,14), e não intermediários (2.18), é o verdadeiro modo de obtermos conhecimento divino. A revelação é total na manifestação de Jesus Cristo (2.9). Note o uso freqüente de termos que transmitem a idéia de totalidade: *toda* a sabedoria, *toda* a inteligência, *agradando em tudo*, *toda* boa obra, *toda* a fortaleza, *toda* a paciência, *toda* a longanimidade. Temos aqui a visão empolgante do propósito de Deus na revelação de Jesus Cristo.

2. Determinada Regra de Conduta (1.10ab)

Para que possais andar (tempo aoristo infinitivo) exige um propósito fixo de conduta. A justiça procede do enchimento falado no versículo anterior. **Andar dignamente diante do Senhor** fornece a *inspiração* para a conduta do crente. Este tema é repetido em mais três lugares: 2.6; 3.17 e 3.23. **Andar dignamente diante do Senhor** (ou **andar** “de modo digno do Senhor”, RA; cf. BAB, BJ) é a mais sublime aspiração. Em 1 Tessalonicenses 2.12, Paulo usa a frase “modo digno de Deus” (RA), e a esse respeito Moule ressalta que “o Pai e o Filho são Pessoas da mesma ordem de ser”.²⁸ **Agradando-lhe em tudo** é “agradando completamente” (RSV), não a homens, mas a Deus (2 Co 5.9; Cl 3.22; 1 Ts 4.1). Aqui, Paulo declara o *objetivo* da vida cristã. **Frutificando em toda boa obra** mostra a *qualidade* da conduta. O **andar** é a justiça ética; é ser consistente e envolver a totalidade da vida. A voz ativa do verbo grego denota que a vontade e a participação do homem são necessárias e esperadas. Não se trata de justiça suposta ou conferida, mas é justiça inspirada e concedida (6; 2.6,7) com a chegada do Espírito de Deus.

3. Capacitação Divina (1.10c,11)

Crescendo no (lit., “aumentado pelo”) **conhecimento de Deus** ressalta o *poder* para que o “andar dignamente” seja retirado do **conhecimento de Deus**. Como é importante o estudo fiel da Palavra de Deus e a oração! Tais práticas santas fortalecem o crente para o andar santo. Agora Paulo discorre longamente neste pensamento. **Corroborados** (“fortalecidos”, NVI, RA) **em toda a fortaleza** (11; participio passivo) mostra novamente que a **fortaleza** (“o poder”, BAB, NVI) para viver a vida santa vem de Deus. O homem cheio do Espírito é sustentado pela graça divina. Ele pode fazer tudo que Deus exigir, pois a ajuda divina lhe está acessível. A direção de vida (10) é uma decisão decidida, ainda que “o cristão não receba o impulso inicial que tem de servi-lo ao longo da viagem”.²⁹ A capacitação deve ser um incitamento constate proveniente dos recursos da **força** (*kratos*) divina. Esta **força** é o poder divino, fato confirmado pelo uso da palavra grega *kratos*, a qual é usada exclusivamente com relação a Deus.³⁰ Essa **fortaleza** é **segundo a força da sua glória**. Quando todas as coisas são feitas para o prazer (ver comentários em 10; 3.20,22,23) e a glória divinas, então poder é liberado na vida, poder como o dele. Este, então, é o *método* de nosso fortalecimento. O seu poder em nós se opõe e vence o poder das trevas (13) e tem supremo controle.

A finalidade ou meta é o ponto seguinte. **Em** (11, *eis*) é usado para denotar que o poder capacita o crente a ter **toda a paciência**, a qual, segundo Lightfoot, está estreitamente ligada com a esperança e é o oposto da covardia. É a vontade de perseverar quando os outros desistem. A **longanimidade** se contrasta com a raiva e a vingança, e está unida com a misericórdia.³¹

Com gozo (11) não combina com “dando graças” que ocorre no versículo seguinte (12), mas deve ser considerado isoladamente.³² Está estreitamente associado com resistência e paciência no vocabulário cristão: “Se a alegria não tiver raízes no solo do sofrimento, é superficial” (Mt 13.20).³³ A alegria também é um dos frutos de fazer tudo para a glória de Deus.

4. Uma Perspectiva Apropriada (1.12-14)

a) *Perspectiva para com Deus Pai* (1.12,13). Dar **graças** a Deus mantém todas as coisas em perfeito foco. Tudo vem dele. O que entregaremos ao Senhor (Sl 116.12-18),

senão para receber os seus benefícios e agradecer-lhe por eles? Considerando que tudo é pela graça, dar **graças** é a primeira palavra de amor do crente para o Pai Celestial. Quem deve dar **graças**? Paulo ou os crentes colossenses? Ambos, pois a herança é igualmente de um e de outro (3; 4.2).

A expressão **ao Pai** (12) sem a palavra adicional “Deus” é rara fora dos quatro evangelhos.³⁴ A palavra “Deus” ocorre em certos manuscritos gregos, mas não nos melhores, e não deve ser incluída neste versículo.³⁵ Aqui, Deus é “visto como o Pai do Filho, e não *imediatamente* como ‘nosso Pai’”³⁶ (13). Ele é designado **Pai**, porque ele é a fonte de tudo.

Na frase **que nos fez idôneos** (12; “qualificados”, “dignos”, BV, NVI; “capazes”, BJ, NTLH), o pronome é **nos** em certos textos, mas “vos” em outros. “Vos” ou “nos” dá no mesmo, pois é Deus que qualifica. Leitura variante é: “que nos chamou [*kalesanti*] para participar”. No entanto, tudo ainda é de Deus.

Temos, aqui, “O chamado de Deus”: 1) Ele nos capacita a atender o chamado, 11; 2) Ele liberta, 13 (2 Co 1.10); 3) Todas as pessoas têm acesso a esse poder, 28 (2 Co 5.17).

Deus nos qualifica **para participar** (lit., “tomar parte”) **da herança dos santos** (12), como Israel tomava parte da Terra Prometida (3.24; Rm 8.17).³⁷ A **herança** é dupla: libertação e transferência (do Egito para Canaã). Note que a **herança** não é só futura, é também presente.³⁸ É uma libertação, compartilhamento, alegria e resistência existentes na atualidade. É um domicílio presente (“Formosa Terra de Canaã”), uma transferência **para o Reino do Filho do... amor** de Deus (13), onde os santos moram. **Santos na luz** (12) revela novamente a qualidade moral da justiça dos filhos de Deus.³⁹

Ele nos tirou (13; “libertou”, NTLH, RA; “livrou”, CH; “resgatou”, BAB, BV, NVI) se refere particularmente ao “Pai” (12). O verbo grego (no tempo aoristo) revela um ato decisivo e completo. Trata-se de uma libertação vigente do pecado e de pecar; algo que já foi feito. As implicações totais da libertação grandiosa ainda serão cumpridas (Mt 6.13; 27.43; Rm 7.24; 2 Co 1.10; 1 Ts 1.10; 2 Tm 3.11; 4.18).

Da potestade (“domínio” [NVI] tirânico) **das trevas** (13) lembra a experiência de conversão de Paulo e sua subsequente comissão (At 26.18). Ele foi libertado do domínio de Satanás para a devoção a Cristo, da escravidão para a liberdade, da servidão para a filiação, das **trevas** para a luz (1 Pe 2.9). Cristo nunca tiraniza; Satanás sempre exerce domínio tirânico. As paixões do pecado sempre dominam tiranicamente o homem. Os frutos do Espírito nunca mantêm o homem sob dominação que tiraniza; o crente os controla. **Da potestade** é igual a “da autoridade de”. O jardim do Getsêmani e a cruz estão na mente do escritor neste versículo como também em Lucas 22.53.⁴⁰

E nos transportou (13) também está no tempo aoristo. A transferência é uma experiência em vigor: toma-se a ação, mudam-se os locais, invertem-se as relações, completa-se o salvamento. É Deus que causa esta mudança de posição (*metestesen*). Alguém sugeriu que aqui há um trabalho de recolocação em massa de populações inteiras, do domínio tirânico de Satanás para o **Reino** amoroso de Jesus Cristo.

Filho do seu amor (13) é tradução literal. O **Pai** deu um **Reino** para o seu **Filho**, e mediante um ato poderoso fez arranjos para povoá-lo com um povo redimido que tomará parte na herança. Quando o **Reino** estiver completo e seguro, o **Filho** o devolverá ao **Pai** (cf. 1 Co 15.24-28). Tal **herança** requer gratidão (12) de nossa parte.

b) *Perspectiva para com o Filho* (1.14). **Em quem** se refere ao “Filho” (13), embora o “Pai” (12) também seja antecedente (At 20.28). **Em** indica que a redenção é por meio de união. Mais estritamente, o meio da **redenção** é o sangue derramado de Cristo. **Temos a redenção** é, novamente, uma experiência em vigor; somos libertos agora, porque fomos libertos então — no Calvário. O tempo presente é usado porque esta experiência é “o resultado contínuo do salvamento efetuado no passado”.⁴¹ **Redenção** significa “emancipação” ou soltura dos poderes do domínio tirânico das trevas, tanto da culpa quanto do poder do pecado. Trata-se de “libertação por pagamento de resgate por um escravo ou devedor (Hb 9.15), como mostram as inscrições”.⁴² Paulo nunca declara a quem o pagamento é feito para que a redenção seja efetuada.⁴³

Com base em evidências nos manuscritos gregos, as palavras **pelo seu sangue** devem ser omitidas aqui (14; cf. BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA). O conceito, porém, é bíblico e a frase é realmente usada em Efésios 1.7 (ver tb. Cl 1.20,22).

A remissão dos pecados (14) é a **redenção**. A nota ética é novamente suprema; precisamos de perdão por carecermos da glória de Deus (*hamartion*). A pessoa pode ser tão farisaica quanto Paulo foi nos anos iniciais com relação à lei (Fp 3.6), mas a necessidade é de uma justiça mais profunda (Mt 5.20). “Não há traço de messianismo nacionalista na concepção do Novo Testamento; nem mesmo de fantasias sobre ‘fuga’ para a imortalidade sem a correspondente mudança de caráter (o tipo de fuga que talvez tivesse sido prometida pelos falsos mestres em Colossos).”⁴⁴

O Reino de Deus é moral e espiritual, exigindo justiça ética com base no perdão por meio da **redenção** fornecida por Cristo. O principal objetivo do crente é viver dignamente diante do Senhor. Há um enchimento que pode virar num transbordamento, sustentado pelo abastecimento divino. É tudo de Deus, a quem só a ele pertence o louvor (3.17).

A oração de Paulo apresenta os seguintes quatro elementos: Saber o que Deus quer, viver como o crente deve, utilizar os recursos divinos e, ao mesmo tempo, confessar a fonte de tudo. Como um rio tem a nascente, curso e estuário, assim o andar do crente emana da fonte da graça de Deus e percorre continuamente no curso da justiça (Am 5.24) em direção ao mar da glória e louvor de Deus. Todos os rios vivos cristãos emanam de Deus e voltam para ele. Para Paulo, é igualmente importante promover o avanço cristão sempre para cima, rumo ao seu mais completo desenvolvimento (Ef 4.13) e utilidade, quanto é ganhá-lo para Cristo. O Dr. Phineas F. Bresee disse: “O homem santificado está no primeiro degrau da escada. Agora ele tem de aprender, crescer, subir, ser divinamente aumentado e transformado”.⁴⁵

Nos versículos 9 a 14, encontramos o tema “Oração pela Pátria de Cima”: 1) O pleno conhecimento das coisas de Deus, 9; 2) A vida digna de nosso Senhor, 10; 3) A frutificação em todas as áreas de nossas atividades, 10; 4) O espírito de paciência *com alegria*, 11; 4) Gratidão a Deus pelas maravilhas da salvação, 12-14 (A. F. Harper).

Os crentes colossenses enfrentam um inimigo tremendo. Está havendo um grande combate. A verdade opõe-se divinamente contra as especulações humanamente conseguidas. A verdade disponível a todos os seres humanos opõe-se à sabedoria humana disponível a só uns poucos favorecidos. A experiência de Deus desafia o conhecimento especulativo sobre Deus. Paulo prossegue com suas argumentações. Chegou a vez da cristologia.

SEÇÃO II

A CRISTOLOGIA DE PAULO

Colossenses 1.15-29

Temos aqui a base para a disputa de Paulo com o pretenso elemento gnóstico em Colossos — a revelação de Cristo e sobre Cristo. Na sua revelação, Deus fala de *si mesmo*; ele *se* comunica, não sendo meros itens *sobre* ele. A revelação de Deus em Cristo é o ponto central e fundamental de toda teologia genuína. A confrontação desabrida contra a pessoa e obra de Cristo exige refutação. Paulo deixará clara a supremacia de Cristo acima de tudo. Ele prenderá os leitores à sua tese — Cristo —, não com mero ataque, mas com argumentos persuasivos.

A. O CONCEITO QUE O APÓSTOLO FAZ DE CRISTO, 1.15-20

Paulo já declarara sua autoridade para falar. Falando para uma assembléia “salva”, liberta das trevas e transferida para o Reino da luz, ele declara em termos precisos quem é Cristo, o que ele fez por nós e como ele o cumpriu. Este é o campo de batalha da teologia do Novo Testamento: a pessoa, posição, poder, preeminência e propósito de Cristo. Esta passagem colossense é atacada e repudiada por todos os falsos evangelhos. Há quem conteste a probidade de diversas palavras e frases. As idéias, no entanto, são limpidamente paulinas e bíblicas. As evidências são totalmente a favor da origem bíblica, e não helenística, das palavras e frases. “Em geral, as dificuldades não confirmam a conjectura da interpolação.”¹

Paulo está dizendo: “Eu tenho o melhor evangelho — Cristo é tudo”. Não há poderes intermediários a serem enfrentados; não há salvação inferior que a comunhão com o próprio Deus. Todos têm acesso à salvação, pois ela não é apenas para os iniciados. Não é só para esta vida, mas também para a que está por vir. Os falsos cultos são todos repudiados aqui.

Se Cristo não é Deus, então talvez haja poderes e tronos que fiquem entre Deus e o homem, com os quais os homens têm de ajustar contas. Se Cristo não é Deus, então talvez ele seja somente uma entre muitas dessas emanções da deidade. Se fosse assim, Cristo seria indigno de confiança; haveria causa para dúvida. O único meio seguro seria dobrar os joelhos diante de todos os poderes conhecidos (16). Mas, em termos inequívocos, Paulo afirma que estas suposições são todas falsas. Na verdade, toda pessoa terá e dobrará os joelhos a ninguém mais, senão a Jesus Cristo (18; Fp 2.11,12).

Por que Paulo fala que Cristo é o Senhor do universo criado e da igreja redimida de Deus? Por que ele enfatiza a deidade, poder, preeminência e propiciação de Cristo? É precisamente porque não há outra autoridade última com quem o homem tenha de tratar exceto o Senhor Jesus Cristo. Estes são os fatos da revelação.

1. A Cabeça da Criação (1.15-17)

a) *A pessoa de Cristo* (1.15). O **qual** tem por antecedente o “Filho do seu amor” (13), o Jesus da história, da Galiléia e do Calvário (Mt 17.5). O homem foi criado à imagem de Deus (Gn 1.27); Cristo é a **imagem de Deus** (Rm 1.20; 2 Co 4.4; Cl 3.10; Tg 3.9; Hb 1.2,3).² **Deus**, em sua natureza essencial, é **invisível** à visão humana. Por isso, vemos sua pessoa e caráter no Filho, que é a **imagem do Deus invisível**. Paulo está dizendo que Jesus Cristo não é diferente do próprio Deus. “Cristo é tudo em todos” (3.11; 1 Co 15.28). Ellicott afirma: “O Filho é a imagem do Pai em todas as coisas, exceto em ser o Pai”.³ E Thomas cita Moule, quando diz: “Um Salvador não totalmente Deus é uma ponte quebrada na extremidade mais distante”.⁴

O **primogênito de toda a criação** (15) é tradução correta, pois dá a entender, não o mais velho, mas aquele que é antes e supremo acima **de toda a criação**. **Primogênito** é equivalente a “unigênito”, sendo termo técnico judaico que significa “não-criado” (Sl 89.27; Hb 12.23).⁵ Esta frase apresenta as qualificações inigualáveis de Cristo como Criador e Salvador. Ele pertence à eternidade; ele não é criado. Não é, portanto, um ser intermediário, mas é antecedente a todas as coisas criadas (Jo 1.1-3). Paulo usou esta mesma palavra, **primogênito**, em relação a Cristo e à ressurreição (18).

b) *O poder de Cristo* (1.16). Cristo é a fonte, o agente, o fim e o sustentador de toda a criação. **Nele** (lit.) indica, primariamente, união. “Em” conota, muitas vezes, instrumento ou meio. Mais adiante, neste mesmo versículo, Paulo apresenta este conceito de Cristo como agente ou meio da criação com as palavras **por ele**. Aqui, a idéia é que Cristo tem em si todas as concepções e poderes da atividade criativa. A visão bíblica da criação (Gn 1; Jo 1.1-4) opõe-se à teoria da evolução naturalista e biológica. Com o surgimento da teoria “genética”, o que dirá o crente ao prospecto de cientistas criarem vida em um tubo de ensaio? Se ocorrer, o crente entenderá que esta é uma descoberta do processo de Deus e não uma criação. O homem não cria nada; Deus cria do nada

(*creatio ex nihilo*, Gn 1.1). Só podemos descobrir como ocorrem os processos da vida.⁶ As teorias humanas são meramente o modo de o homem ver os fatos do universo.

Todas as coisas (16) não dá margem a exceções. Todas as coisas e poderes materiais e espirituais são inferiores a Cristo e estão sob sua vontade e domínio. Quaisquer poderes sobrenaturais que haja, Cristo é sua razão de existência. **Foram criadas** denota um começo para estas coisas. O Pai e o Filho, com o Espírito, são ativos no papel criativo (Gn 1.1,2; Jo 1.1-3). **Nos céus e na** (lit., “sobre a” [RA]) **terra. Visíveis e invisíveis** mostra novamente que nada é excluído. **Tronos, dominações** (“domínios”), **principados** (“magistrados”) e **potestades** são referências tanto a pessoas como a ofícios, talvez aos seres caídos que usurpam o lugar de Cristo na mente e lealdade dos homens (2.10,15,18). **Por ele e para ele** manifesta que Cristo é o agente, o fim ou meta da criação. É, portanto, “em”, “por” e “para” ele que todas as coisas são feitas. Ele é a causa primária e a causa final da criação (1 Co 15; Fp 2). Alguém ressaltou que o valor do homem individual (21,28) ainda é supremo, mesmo no contexto de tão vastos conceitos de espaço e tempo.

c) *A prioridade de Cristo* (1.17). **Ele é** (não “ele era”) **antes de todas as coisas** (cf. Jo 8.58). Ele é **antes** em posição, poder e tempo. **Por ele** (lit., “nele”, [BJ, NVI, RA]) significa que quando todas as coisas estão em união com Cristo, elas se mantêm unidas ou em sustentação (Hb 1.3). Quando não estão unidas com ele, elas não podem permanecer. Se for insistido que, aqui, “em” é igual à agência, então todas as coisas, inclusive os poderes malignos, continuam subsistindo só por causa da vontade permissiva de Jesus, até que ele entregue o Reino ao Pai (1 Co 15.28). O único ponto satisfatório de concórdia diante de tão grande questão quanto à origem e existência de todo ser criado é Deus. Ele sustenta “todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3).

2. A Cabeça da Igreja (1.18-20)

a) *A preeminência de Cristo* (1.18). Por direito de criação, Cristo assume o controle e a autoridade sobre uma nova sociedade, o **corpo** de Cristo, a **igreja** (2.19; Ef 1.22,23). A **igreja** é essencialmente espiritual. “Como foi representado aqui, a idéia surge acima do nível da ‘visibilidade’, transcende o registro humano e a organização externa, e tem a ver supremamente com relações espirituais diretas entre o Senhor e a companhia dos crentes.”⁷ Todos os membros, um **corpo** cooperativo, são obedientes à **cabeça**. Esta é uma das figuras mais esclarecedoras da relação essencial existente entre Cristo e a **igreja**. O ecumenismo concebido somente em termos de organização humana está predestinado à futilidade, mas a unidade em Cristo é uma realidade gloriosa.

Cristo não é apenas a **cabeça** da **igreja** universal (18). Mas por causa dele, há novas pessoas espirituais (2 Co 5.17), de quem ele é a **cabeça** em virtude de sua morte e ressurreição. Este fato é mais completamente explicado nos versículos 20 e os seguintes. O **princípio**, o **primogênito** levantou-se **dentre os mortos**. Esta é a primeira vez que tal ressurreição aconteceu. Cristo é preeminente (primeiro) na ressurreição como também em todas as outras coisas.

O significado é **em tudo** (18) ou “sob todos os aspectos”? Não se trata de um ou de outro, mas de ambos. Cristo é primeiro **em tudo** (cf. NTLH). Estaremos apresentando a

questão corretamente, dizendo que Cristo não é só uma parte de nossa fé: Ele “é tudo em todos” (3.11). Moule destaca a idéia de Cristo “tornar-se” a **cabeça** (tempo aoristo subjuntivo) neste sentido em virtude da sua obediência na estrutura dos tempos⁸ (Fp 2.8; Hb 2.10). Ele se tornou a **cabeça** por obedecer até a morte de cruz (20). As Escrituras nos dizem que Cristo “*aprendeu* a obediência, por aquilo que padeceu” às mãos da sua criação (Hb 5.8; grifo meu). Antes da encarnação, Cristo prestou obediência a ninguém e a nada mais que ao Pai. Mas a obediência falada aqui, ele a aprendeu, não por ser Filho, mas pelo sofrimento.⁹ Certos expositores sugerem que a “plenitude” (19) é completada pelo sofrimento e morte. Mas é mais provável que seja a **preeminência** (“autoridade”) que é completada.

b) *A personalidade de Cristo* (1.19). A plena deidade de Cristo se mostra mais uma vez aqui. Como indicam os caracteres itálicos (RC), as palavras **do Pai** não ocorrem no texto grego. Qual é, então, o sujeito de **agrado**? Uma tradução literal seria: “Porque nele toda a plenitude se agradou em habitar”. Devemos entender este versículo levando em conta 2.9. É a **plenitude** da deidade, “a plenitude da deidade em pessoa”, que se agrada em habitar no Filho, que reconcilia todas as coisas (20) ao **Pai**. É gramaticalmente correto entender que o **Pai** é o sujeito de **agrado**.¹⁰ O sentido fundamental não é significativamente alterado por nenhuma das interpretações.

Com a palavra **plenitude**, Paulo lança mão de um termo que os falsos mestres tinham se apropriado para descrever seus pontos de vista. Para eles, Cristo era apenas um ser numa ordem de seres, maior que o homem, mas menor que Deus, sendo, então, um entre muitos mediadores. Mas Paulo recaptura a palavra para revelar que Cristo é realmente e completamente a deidade, como também é o único Mediador.¹¹ O termo grego *pleroma* (**plenitude**) significa aquilo que enche, completa, permeia ou cumpre (Sl 24.1; 1 Co 10.26). Na literatura grega secular, a palavra é usada para referir-se a navios com tripulação completa.¹²

A palavra **habitasse** indica “permanência”. A **plenitude** permanente e eterna da deidade em Cristo é a única base de reconciliação — base de operação no Calvário que faz expiação pelo pecado. O termo *pleroma* é usado 11 vezes nas epístolas paulinas, sendo aplicado a cada uma das pessoas da Trindade.¹³

c) *O propósito de Cristo* (1.20). A deidade agradou-se em residir em Jesus Cristo. Deus reconcilia **todas as coisas** consigo pela abnegação de Cristo. **Havendo... feito a paz** (tempo aoristo) é um ato feito definitivamente. A **paz** é alcançada de certa forma **pelo sangue da sua cruz**. Embora a eficácia do sangue seja ridicularizada e negada pelos zombadores, aqui ela é exaltada. Considera-se que o **sangue** de Cristo seja o **sangue** de Deus (At 20.28), sendo o meio pelo qual Deus salva (1 Pe 1.18,19).

Temos nos versículos 19 e 20 “O Plano de Salvação”: 1) *Quem* é que salva; 2) *O que* ele faz para salvar, 20; 3) *Como* ele faz isso, 20; e 4) *Por quê?* **Porque foi do agrado do Pai**, 19 (Jo 8.29).

Paulo ensina a reconciliação pela expiação e propiciação pelo sacrifício de **sangue** (Rm 3.23-26). Neste aspecto, ele está em genuína concordância com as demais escrituras do Novo Testamento (Mc 10.45; 1 Pe 3.18; 1 Jo 2.2). Há valor redentor no **sangue** de Cristo. O seu **sangue** é o preço da redenção. Ajoelhemos e adoremos. Deus fez a **paz**

(21,22); sejamos gratos. O “Filho” (13) é o antecedente deste versículo. É significativo que Paulo inicie e conclua esta declaração magnífica sobre a cristologia com a referência à redenção e reconciliação pelo **sangue** de Cristo.

Por meio dele (agência) **reconciliasse consigo mesmo todas as coisas** (20) não inclui Satanás e os demônios. A frase inclui somente as coisas que estão **na** (lit., “sobre a” [RA]) **terra e nos céus**; e não as que estão “debaixo da terra” (Fp 2.10). Pelo visto, **todas as coisas** se refere a seres animados e coisas inanimadas (2 Pe 3.13; Ap 21.1). As passagens de Filipenses 2.10,11 e 1 Coríntios 15.27,28 falam de reconciliação e também de sujeição de todas as coisas, até dos demônios, à vontade divina. Todo joelho se dobrará, de boa ou má vontade, para reconhecer a primazia de Cristo. O Pai se agrada que a reconciliação e a redenção estejam em Cristo — o sacrifício de si mesmo em seu Filho.

B. A CONTINGÊNCIA DA GRAÇA SALVADORA, 1.21-23

O perigo de apostasia é o que ocasiona a exortação do apóstolo. A exortação diz respeito à permanência em Cristo como uma necessidade. A apresentação a Deus é condicionada à permanência. Há barreiras decisivas à frente para o cumprimento do propósito de Cristo nos crentes colossenses. Há os que os iludiram (2.4), os saquearam (2.8), os julgaram (2.16) e os sujeitaram (2.20). Esta exortação tem a ver com responsabilidades e perigos.

1. A Corrupção Prévia (1.21a)

Os crentes colossenses são testemunhas vivas da grande reconciliação. **Noutro tempo** (“outroa”, BJ, RA) **éreis estranhos** relembra a queda. Antigamente, eles também estavam enganados, iludidos, alienados, seduzidos em escravidão (13). Seria crasso erro permitirem ser enganados outra vez. **E inimigos** mostra que eles eram participantes voluntários naquela situação. Seu **entendimento** (“mente”, NVI; o ser interior) foi entregue ao inimigo de Deus. Esta é a essência de nossa natureza depravada; ela é injetada no homem pelo engano, toma conta do ser inteiro e tem o consentimento dos próprios enganados. **Pelas vossas obras más** é revelada a condição interior e carnal. Ela se expressa em atos rebeldes contra Deus. Esta condição não é natural ao homem. Ao ser arruinado e enganado, o homem foi alienado por um poder estranho, cujo estado se manifesta em **obras más**. A alienação foi total e fatal (Ef 2.1-3). Aqui, por abordagem negativa, o apóstolo teria tudo para ver de novo qual deve ser o fruto da verdadeira experiência do evangelho em Cristo. Não é justiça ritualista, mas santidade ética.

2. A Recuperação Vigente (1.21b,22)

Agora, contudo — a despeito da inimizade (Rm 8.7) —, (já) **vos reconciliou** (tempo aoristo). Isto fala do ato definitivo feito no Calvário (Hb 9.26). A parte de Deus na obra de reconciliação foi completa e terminada. Nada mais pode ser acrescentado à expiação. Resta agora ao homem ser reconciliado com Deus (2 Co 5.18-21). O que foi decisiva e inteiramente feito por Cristo no Calvário concernente à nossa salvação deve ser realizado na experiência do dia-a-dia em base individual (ver comentários em 3.5-7). **A vós também... vos reconciliou** mostra que os crentes colossenses são testemunhas vivas da grandiosa experiência.

Paulo apresenta o *método divino*: **no corpo da sua carne** (22). A heresia do docetismo, que Cristo só parecia homem, não tem lugar na mensagem de Paulo. O Cristo divino exposto nos versículos 15 a 19 também é realmente humano. Não devemos duvidar da encarnação; trata-se de um corpo verdadeiramente físico que foi pregado na “sua cruz” (20). De algum modo, a propiciação (Rm 3.24,25) foi feita **pela sua morte** (lit., “por a morte”). Em união com Cristo, identificando-se com ele pela fé, completa-se a reconciliação. O ato reconciliador de Cristo não foi feito pela sua encarnação, mas pela sua morte (2 Co 5.21). É tudo pela graça: a oferta de Deus e a aceitação do homem (Rm 4.16; Gl 3.13; Ef 2.7-9). “Paulo é levado a interpretar que a morte de Cristo é um ato vicário de expiação, uma satisfação, em certo sentido, das justas exigências de Deus. [...] Os estudiosos das cartas paulinas debatem quanto aos detalhes da visão de Paulo sobre como a morte de Cristo operou para possibilitar a absolvição. Contudo, está absolutamente claro que ele considerou que a morte de Cristo teve este efeito.”¹⁴

Agora Paulo fala sobre a *finalidade gloriosa* da obra de reconciliação: para que sejamos **santos, irrepreensíveis e inculpáveis** (22). Estas palavras estabelecem a santidade bíblica. A justiça bíblica e a santidade acham-se no motivo ou intenção. Paulo (Rm 13.10; Gl 5.14) concorda com Jesus (Mc 12.28-31). As três palavras indicam uma condição espiritualmente perfeita e também posição; são praticamente sinônimas. Quando o motivo é puro, quando o amor é o princípio de conduta dirigente e exclusivo, o crente é inculpável, inocente e santo. Santificação total significa “amor entronizado”.

Perante ele (22) é, literalmente, “diante dele” (BAB, BJ, NVI), “na sua presença” (CH) ou “bem defronte a”, “em frente de”.¹⁵ A palavra grega *katenopion* é “uma forma totalmente não-clássica”.¹⁶ A apresentação é aqui presente e futura. Perdão (14), santidade (22) e céu (22-27) são possíveis pela reconciliação. A preocupação fundamental dos mortais tem de ser com nossa aparência na presença de Deus — hoje e amanhã.

Nos versículos 21 e 22, o apóstolo esboça “A Glória da Salvação”: 1) A grandiosa experiência: **Agora, contudo, vos reconciliou**, 21; 2) O método divino: **No corpo da sua carne**, 22; 3) A finalidade gloriosa: **Para, perante ele, vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis**, 22 (A. F. Harper).

3. A Possível Apostasia (1.23)

Dada a realidade da experiência em Cristo, os crentes colossenses são avisados sobre os perigos ao longo do caminho rumo à Cidade Celestial. Eles ainda podem ser enganados e ser alienados. Paulo pede que se lembrem de como foram reconciliados e por qual propósito, a fim de estarem de sobreaviso e preparados.

A permanência neste estado de reconciliação que os torna apropriados para a apresentação é condicionada pela perseverança. Aqui não há como presumir certa perseverança predeterminada para apoiar uma falsa esperança de segurança. A possibilidade trágica de evitar a reconciliação e perder a apresentação é a razão básica de Paulo escrever esta carta (cf. At 1.17-20). **Permanecerdes** é igual a “fordes fiéis em” ou “persistirdes em”. É Deus que qualifica (12) o crente para sua parte na herança dos santificados (At 26.18; Ef 1.11), mas o crente tem de continuar crendo. O livre-arbítrio não é destruído no momento em que a pessoa aceita Jesus. **Na fé** significa o ato de crer e o conhecimento acurado da “palavra da verdade” (5) — a **fé**.

Fundados fala da fundação da fé; a Pedra é Cristo (1 Co 3.11; 10.4). **Firmes** mostra a satisfação; nada mais é necessário, senão Cristo (3.11). “Deus acha-se totalmente nele”, para que estejamos satisfeitos somente com ele como Objeto de nossa **fé** (2.9).¹⁷ **Não vos moverdes** revela o perigo terrível (Gl 3.1ss.; Ef 4.14). Se não pode haver apostasia, então por que o aviso? Como é trágico, para quem conheceu a **fé**, ser enganado novamente! A **esperança do evangelho** é futura (3.24), mas também é presente (13,14) e interior (27). Se a **esperança** não for presente e interior, também não será futura.

Tendo declarado o evangelho, agora Paulo passa a revisar sua verificação (6). Este é o **evangelho que tendes ouvido**. Epafra lhes deu a mensagem de forma clara e correta (7). Eles a entenderam (6).¹⁸ Ouviram-na não só com os ouvidos, mas também com o coração (7,8). A mensagem foi corretamente recebida. O **evangelho** tem aplicação universal, pois este é o significado de **pregado a toda criatura**. Falando literalmente, nem todos ouviram, mas este é o **evangelho** designado para declaração a todo ser humano. O verbo grego traduzido por **pregado** está no tempo aoristo, conotando o fato cósmico — a cruz (Hb 9.26). A mensagem do **evangelho** foi revelada. É para todos os homens; mas suas virtudes remissórias para criaturas que não o homem é pura especulação (2.18; Hb 2.16-18). Não há dúvida de que **debaixo do céu** limita a pregação a seres responsáveis, ou seja, aos homens, pois este é o significado de **criatura... debaixo do céu** (*ktisis*).¹⁹

A mensagem do **evangelho** é apostolicamente certificada. Na expressão **do qual eu, Paulo**, o nome do apóstolo serve para dar ênfase. Devemos recordar a experiência de Paulo na estrada de Damasco e seu comissionamento para entendermos a garantia de **estou feito ministro** (At 26.15-19). **Estou feito** é, literalmente, “me tornei” (BAB, NTLH, NVI, RA; cf. CH; cf. tb. Gl 1.11,15,16; 2.7,9). Paulo foi divinamente enviado;²⁰ os falsos mestres foram autodesignados. Ele era o **ministro** (*diaconos*, “diácono”, “servo”, NTLH) dos colossenses; os falsos mestres eram seus senhores. O ministério de Paulo é basicamente pregação (*kerygma*); o dos falsos mestres é ritualista e sacerdotal. A proclamação de Paulo é tripla: ele é **ministro** de Cristo (7), do **evangelho** (23) e da **igreja** (25).

C. A COMISSÃO E ENVOLVIMENTO DE PAULO, 1.24-29

Pelo que deduzimos, a frase prévia, “do qual eu, Paulo, estou feito ministro” (23), pertence a este parágrafo tanto quanto ao anterior. Aqui, Paulo declara a terceira razão principal para se engajar no combate com estes inimigos do seu Senhor; é o seu envolvimento pessoal como apóstolo comissionado. Embora a distância geográfica entre o apóstolo e os colossenses seja grande, embora muitos colossenses não lhe sejam conhecidos pessoalmente, Paulo está desesperadamente envolvido em firmá-los em Cristo e no seu destino final.

1. A Comissão é Redentora (1.24)

Agora indica tempo ou contraste, ou talvez seja mero conetivo. Paulo se alegra, não por causa das **aflições** que suporta, mas nas **aflições** pelo bem que fazem. Outrora, Paulo teria infligido tais **aflições** nos outros; agora, ele as recebe para ganhar os homens a Cristo. Esta é mudança surpreendente (At 9.1).

As **aflições** (lit.) mostram os sofrimentos pessoais de Paulo, todos os sofrimentos suportados em prol dos colossenses, bem como os sofrimentos de Epafras (4.12,13) e de outros que tiveram parte em levar o evangelho a eles. **Por vós** ressalta que Paulo foi transformado e ama até gentios. Ele pode amar quem não conhece, como a mãe ama sua prole não vista e recém-nascida. Que Deus nos dê esse amor por todos que estão em Cristo onde quer que morem. Esta é a fonte da alegria verdadeira e permanente que o crente tem, qual seja, participar com Cristo na obra de redenção. O caráter do ministério de Paulo inclui não só pregação, oração e alegria, mas também aflição, dor e combate.

A frase **cumpro o resto das aflições de Cristo** (24) é controversa. Podemos descartar as seguintes interpretações: 1) Paulo se refere a uma cota de sofrimento previsto para o corpo dos seguidores de Cristo; 2) A doutrina católica romana de adicionar deficiências à expiação de Cristo pelo sofrimento dos seguidores de Cristo; 3) Tratam-se de aflições impostas por Cristo; ou 4) Estes são os sofrimentos de Cristo em Paulo. A **igreja**, como **corpo** místico de **Cristo**, sofre por causa da união do crente com **Cristo**. **Cristo** pergunta para Paulo em Damasco: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 26.14). Perseguir o crente é perseguir a **Cristo**. Toda a oposição à **igreja** é aflição acumulada em **Cristo**. O crente identifica-se com **Cristo** em sentido vital. Devemos esperar sofrimento neste mundo (1 Pe 2.21; 3.14-18). Carson afirma que a aflição continua enquanto houver pecado e oposição a **Cristo** e enquanto sua **igreja** estiver no mundo. E, acrescenta, os cristãos a aceitam, não como os estóicos, mas com alegria.²¹

Não pode ser que a expiação seja insuficiente; Paulo acabou de mostrar que ela é copiosamente adequada (13,14,20). O termo grego *thlipsis* (“aflição”, “sofrimento”) não é usado no Novo Testamento para referir-se à morte expiatória de Cristo. Lightfoot acrescenta que este sofrimento não é “ato sacrificatório”.²² Moule confirma a opinião, quando declara que esta passagem não diz respeito à morte de **Cristo**, mas às provações e fardos da vida²³ (cf. Ef 3.13). O ministério de Paulo é remissório no sentido de que ele se identifica de boa vontade com a causa de **Cristo**, sofre por amor a **Cristo**, para continuar pregando o evangelho (Rm 8.17; Fp 3.8) e ganhando alguns (1 Co 9.21-23). Ele sofre, então, em prol do **corpo de Cristo**.²⁴

Na minha carne (24) é o corpo físico de Paulo. **Pelo seu corpo** é o **corpo** místico de Cristo. O **corpo** no qual Paulo sofre é o dele; o **corpo pelo** qual ele sofre é o de Cristo. A declaração **que é a igreja** explica claramente a quem ele se refere. A perseguição é redentoramente suportada, quando é de acordo com o propósito de Cristo e quando ajuda a perpetuar a igreja.

2. A Comissão demanda Responsabilidade (1.25,26)

Paulo foi chamado e incumbido com uma missão. No versículo 23, ele foi feito ministro do *evangelho*; no versículo 27, ele é o ministro de uma Pessoa, Cristo; e aqui, ele é **ministro** da igreja. Seu ministério envolve uma revelação (27), uma mensagem (23) e um ofício (24,25). Ele foi **feito ministro** — chamado, comissionado, responsabilizado. Trata-se de uma honra conferida a um instrumento humano, mas com um propósito global; e é **segundo a dispensação de Deus** (lit., “o ato de dispensar de Deus”). Paulo tem uma administração recebida de Deus cujas proporções não são desprezíveis. Seu dever é fazer conhecida totalmente a palavra de Deus, pois este é o sentido das palavras gregas traduzidas por **cumprir a palavra de Deus**. A “grande

comissão” é de Paulo. Como deve ser com todos os ministros de Deus, a ambição de Paulo é tornar o evangelho manifesto conforme é o seu dever (4.4; Ef 6.19).

A palavra especial de Deus, com a qual Paulo é incumbido, é o **mistério** (26; a presença do artigo definido serve para dar ênfase). O **mistério** é a auto-revelação de Deus; o fato que “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Co 5.19; Cl 1.21). A palavra foi provavelmente tirada da cultura grega, mas está cheia de conteúdo e significação cristã. Paulo faz o mesmo com outras palavras gregas, como as traduzidas por “graça” e “Senhor”. O apóstolo lhes dá um significado e uso cristão. O **mistério** da deidade e da encarnação de Cristo acabou de ser exposto (15-19). Este **mistério** é o segredo que está um tanto quanto por trás do ato visível, como na Ceia do Senhor e no batismo nas águas. Aqui, o segredo por trás da manifestação de Jesus na história é o **mistério** da encarnação de Deus nele e sua propiciação pelos nossos pecados no Calvário (1 Tm 3.16; 1 Jo 2.2). O **mistério** é aprofundado com o pronunciamento de um tipo de encarnação racial, bem como com o acontecimento particular em Jesus Cristo — “Cristo em vós, esperança da glória” (27). Esta encarnação racial é Cristo vivendo numa nova raça de homens redimidos. Paulo acrescenta um pensamento estranho para os judeus, que é: os gentios estão inclusos na graça redentora de Deus (27; Ef 3.4-6,9,10). O **mistério** é a relação de Cristo com sua igreja; a *cabeça* com o corpo (Ef 5.32). Estas coisas os anjos desejam examinar (1 Pe 1.12).

Na declaração **oculto desde todos os séculos e em todas as gerações** (26). Moule sugere que **desde** é uma preposição de tempo, querendo dizer que o segredo foi guardado até atingir a plenitude do tempo.²⁵ Mas o segredo não esteve **oculto só para** os séculos de tempo, mas também **desde** os **séculos e gerações** de homens. Como no caso dos dois discípulos na estrada de Emaús cujos olhos estavam “como que fechados” (Lc 24.16) e depois foram abertos (Lc 24.31), assim a vontade de Deus é que agora o segredo não fique mais escondido (1 Co 2.9-16; Ef 3.9,10). O ministério do Espírito é prestar esclarecimentos (9). E este é o tema da oração de Paulo pelos crentes colossenses. O **mistério** agora **foi manifesto aos seus santos**, aos que crêem e, por conseguinte, vêem. A revelação é ainda mais gloriosa e expansiva (2; Ef 2.1-7).

3. A Comissão é Reveladora (1.27,28)

Aos quais Deus quis fazer conhecer é tradução literal. Deus não só decidiu *quando* **fazer** conhecido o **mistério**, mas *a quem*. O segredo é revelado somente para aqueles que obedecem a Cristo; não está claro para o mundo, que ainda está cego. O ponto crucial é a diferença entre a posse do fato e a compreensão da significação desse fato. Que tragédia celebrar “a verdade em injustiça” (Rm 1.18,19)! Que responsabilidade recai sobre o apóstolo, como também sobre os santos de todos os lugares que conhecem a verdade! A mensagem é para **todo homem** (28); a Grande Comissão está em pleno vigor. A revelação é manifesta para que seja compartilhada até com **gentios**. A **esperança** de Deus para o seu investimento nos santos (Ef 1.18) é grande. **As riquezas da glória deste mistério** são “tesouros” (2.3) que se acham em Cristo. Esses tesouros têm de ser compartilhados entre os **gentios**. Visto que há um só Deus, argumenta Paulo, ele tem de ser o Deus dos **gentios**, ou os **gentios** ficam sem Deus. O tesouro do Cristo que habita no crente deve ser compartilhado com **gentios** e judeus. Desde o dia em que foi comissionado por Cristo, Paulo vinha transitando laboriosamente pelas estradas do mundo de então para “anunciar entre os gentios [...] as riquezas incompreensíveis de Cristo” (Ef 3.8; cf. Rm 9.23,24).

a) *Mensagem significativa* (1.27b). O mistério que Paulo tem de fazer conhecido não é apenas ritual vazio como era compartilhado pelos falsos mestres com uns poucos iniciados. Trata-se de uma Presença que habita no crente a qual deve ser compartilhada com o mundo todo.²⁶ As riquezas da glória do mistério revelado não é apenas **Cristo** encarnado em Jesus de Nazaré, mas **Cristo** em qualquer homem, fazendo-o novo (cf. 2 Co 5.17). A frase **Cristo em vós, esperança da glória** fala de três bênçãos: a Presença divina e habitadora nesta vida, o destino planejado para os santos e o meio para atingir essa meta santa. O **Cristo** que habita no crente é a caução da **glória** futura. A eternidade é aqui — o passado, o presente e o futuro. Pelo visto, Paulo tem dificuldade em definir especificamente **glória**; ele se contenta em meramente declará-la. Contudo, esta **glória** é experimentada aqui, mas concretizada plenamente apenas no céu (Rm 3.23; 8.18).

O texto de Romanos 3.23 mostra que a **glória** de Deus é pureza moral. O homem, ao pecar, carece dessa **glória**. A obra do **Cristo** que habita no crente é a restauração dessa **glória**. A expressão “em Cristo” fala primariamente de nossa relação justificada com Deus, ao passo que a expressão **Cristo em vós** fala primariamente de nossa condição santificada. Como disse A. B. Simpson: “A vida mais profunda de santificação é simplesmente Cristo dentro do crente”.²⁷ E cita as ilustrações usadas por Paulo nesta epístola (2.7,11-13; 3.1,3,4) para expressar essa santificação. Simpson acrescenta: Nossas “ações têm de ser determinadas por nossa relação com ele”.²⁸

b) *Método novo* (28a). A frase **a quem anunciamos** mostra o método exclusivo de Paulo. Anunciar é o método cristão distintivo de disseminar o evangelho, em contrapartida com os métodos de propagar religiões do tipo gnóstica. O método do evangelho é inigualável em sua simplicidade e franqueza. Todos os rituais altamente complicados — formas, ritos, mantos, chapéus, anéis, sinais, assistentes, paramentos — são estranhos a esse modo de proceder. Como é simples o método do Novo Testamento (Rm 10.8-15)! Esta declaração sobre o método separa ainda mais o verdadeiro mensageiro do falso.

Anunciar envolve advertir (cf. BJ, CH, NVI, RA; **admoestando**) e instruir (cf. BJ, **ensinando**). Este método tem sua autoridade na Palavra (3.16). **Todo homem** mostra a universalidade e individualidade do apelo do evangelho. É outra réplica contra a exclusividade da religião dos falsos mestres em Colossos, que se aplica somente aos predestinados, ou circuncidados, ou iniciados. Embora o evangelho possa ser limitado em seu sucesso com os homens, é universal em seu chamamento. Eis o golpe mortal contra o judaísmo, o predestinacionismo e todas as religiões do tipo gnósticas que têm aplicação limitada. A pregação cristã é feita **em** (não “com”) **toda a sabedoria**. Quando Cristo é corretamente conhecido, a pessoa tem a fonte da verdadeira **sabedoria** (2.3; 1 Co 1.30). Ele é a **sabedoria**.

c) *Motivo moral* (28b). O verbo grego *paristemi* (**apresentemos**) dificilmente é, neste contexto, termo técnico relacionado a sacrifício, como sugere Moule.²⁹ Trata-se de termo que sugere demonstração, exibição ou apresentação — “colocar diante de”.³⁰ Estes têm de ser os frutos do trabalho de Paulo, feixes para serem colocados aos pés do Mestre, a contabilidade da sua administração responsável. O motivo do apóstolo é apresentar **todo homem perfeito em Jesus Cristo**. Certos comentaristas vêem apenas a idéia de maturidade na palavra **perfeito** (*teleios*), evitando a conotação ética. Mas não há neces-

sidade de limitarmos o significado ao que é colocado pelas religiões de mistério pagãs.³¹ No Novo Testamento, tem também um significado ético. Paulo quer apresentar seus convertidos ao seu Senhor como homens morais (22), homens santos (2). W. E. Sangster afirma: “A contaminação inerradicável de nossa natureza, sobre a qual certos teólogos insistem achar pouco apoio nas cartas do apóstolo”.³² E nesta carta o tema geral é que pode haver um fim para o pecado e para pecar. A concepção de Paulo toma um curso mediano entre o antinomianismo e o fatalismo.

No ponto de vista do apóstolo, o amor é a chave para a perfeição (3.14), em concordância com **Jesus** e João.³³ Esta epístola mostra que a experiência humana da graça divina é não só uma situação, mas um estado; não só uma posição, mas uma condição; não só justiça imputada, mas justiça dada a conhecer. E esta justiça exigida ocorre pela união com **Cristo**, pois é **em... Cristo** que somos perfeitos.³⁴ Esta frase é uma réplica contra qualquer exigência, senão **Cristo**. (A palavra **Jesus** não aparece nos melhores manuscritos³⁵ [cf. AEC, BV, BJ, CH, NTLH, NVI, RA], mas sua omissão não muda o significado da passagem.) A apresentação dos homens perfeitos **em Cristo** tem de ser feita *hoje* como também no futuro.

4. A Comissão é Rigorosa (1.29)

A expressão **e para isto também trabalho** (“labutar até ficar cansado, exausto”,³⁶ cf. NVI, RA) revela a energia com a qual Paulo empreende a grande obra pela salvação dos homens. **Também** significa não só “e”, mas “realmente”. Paulo está engajado em luta de vida ou morte em prol da verdade de Deus e das almas. Ele não luta secretamente, como fazem seus antagonistas; ele escreve uma carta aberta. Ele labuta, **combatendo** (*agonizomenos*, “agonizando”) **segundo a sua eficácia** (de Deus).³⁷ O trabalho que Paulo está fazendo é Deus em ação — Cristo nele (27). Cristo sempre trabalha no mundo, dentro dos limites da Grande Comissão, em proporção aos nossos trabalhos para ele. Somos trabalhadores junto com ele (2 Co 5.19,20). **Que opera em mim poderosamente** (“com poder”) revela a fonte da força motriz e energia de Paulo. Esta luta em Colossos não é fácil. Estes são inimigos fortes, como os do Concílio de Jerusalém. Mas Paulo está engajado e preparado. Ele tem certeza do seu chamado (25), certeza da sua mensagem (27; Gl 1.8) e certeza concernente ao poder do evangelho em virtude do Espírito que nele habita (29).

Temos nesta seção “O Plano de Deus para os Homens”: 1) O mistério do evangelho — a encarnação de Cristo, 26,27; 2) O ministério do evangelho — “pela loucura da pregação”, 28a; 3) A motivação para o evangelho — a suprema perfeição do homem, 28d; 4) O poder por trás do evangelho — o sobrenatural em ação no ministro, 29.

Paulo conclui o capítulo com o tocante pensamento de que “a medida de nosso poder é o poder de Cristo em nós. Aquele cuja presença torna a luta necessária, por sua presença nos fortalece para ela”.³⁸

SEÇÃO III

O COMBATE

Colossenses 2.1-23

Paulo pôs a base para confrontar a heresia recentemente surgida na igreja colossense. Declarou sua confiança na experiência cristã dos crentes colossenses (1.1-8). Expôs o coração e o tema de suas orações por eles (1.9-14). Apresentou os elementos precisamente essenciais da revelação do mistério de Cristo (1.15-20). E mostrou seu próprio envolvimento inevitável no confronto com estes inimigos de Cristo, por causa do compromisso que assumiu com Cristo e da subsequente comissão que recebeu. Chegou a hora de os pontos de controvérsia serem acareados. A luz se opõe às trevas, a liberdade se opõe à escravidão, a moralidade se opõe ao vazio ritual.

Na seção da carta agora sob análise a concepção paulina e a concepção pagã são mantidas em contínuo contraste. A luta se centraliza em duas áreas — doutrina e prática. De entremeios estão as repetidas advertências para que os crentes não sejam seduzidos e, assim, fiquem privados de sua herança em Cristo. É conveniente que Paulo esteja preocupado, pois todos os benefícios da graça de Deus para com os colossenses estão em perigo, por causa dos esquemas ardilosos de Satanás.

A. DOCTRINA, 2.1-15

1. A Encarnação (2.1-7)

a) *A doutrina concebida* (2.1-3). A luta na qual Paulo se acha envolvido diz respeito àqueles a quem ele conhece em Colossos e **Laodicéia**,¹ cidade vizinha (ver Mapa 1), e

àqueles a quem ele não conhece (1). Com as palavras **quero que saibais quão**, Paulo os ressegura do seu profundo amor e preocupação (Rm 1.13). Ausente por força maior (2.5; 4.10), ele tem de se contentar com esta comunicação por intermédio de companheiros de trabalho fidedignos.²

Paulo está em **grande combate** pelas almas dos colossenses e por todos os que não viram sua face ao longo destes séculos. É possível que a ilustração tenha sido retirada das competições atléticas ou da ação militar. O **combate** deve ter sido travado primeiramente no recôndito do seu coração na presença do Senhor. Agora é apresentado publicamente por meio desta carta. A força e incentivo de Paulo para a luta não eram meramente humanos. Ele fora abastecido com a força divina (1.29; 2 Co 5.14); unido com o seu Senhor numa “grande luta” (RA; cf. BJ).

Os crentes devem entender plenamente as questões e as conseqüências. Os métodos da luta e os frutos da vida revelam quem é digno de confiança: os falsos mestres ou Paulo e seus companheiros. Satanás atrai pela satisfação carnal mediante tentações diversas (4,23), ao passo que Cristo atrai pela justiça ética mediante a aceitação da verdade do evangelho.

A luta gira em torno de doutrinas principais: a encarnação e a expiação. Estas são cruciais, pois delas depende o destino da redenção e salvação do homem.

A experiência confirma a fé na doutrina da encarnação de Deus em Jesus Cristo. Paulo se empenha pelo fortalecimento dos crentes no amor cristão. **Consolados** (2) significa “fortalecidos” (NVI) e não somente “confortados”. A palavra grega é derivada de *parakaleo*, “chamar para o lado de”,³ daí, “advogado”, “defensor”. Nos capítulos 14 a 16 do Evangelho de João, a palavra é usada para descrever o ministério do Espírito Santo. O fortalecimento vem da unidade: **estejam unidos** (cf. Ef 4.16). O “amor” (ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA; **caridade**) é o princípio pelo qual a conduta ética é determinada e realizada (Gl 5.14). É o laço ético (3.14). **Os seus corações** não limita a extensão da solicitude de Paulo àqueles que não o viram, mas inclui a todos.

O fortalecimento em amor conduz ao fim desejado: o **conhecimento do mistério de Deus — Cristo** (2), que é o significado da palavra grega *eis* (**para**). **Enriquecidos** é igual a “estando convictos” ou “tendo *insight*”,⁴ condição que dá **plenitude e inteligência** na íntegra e ocasiona o **conhecimento do mistério**. Em vez de **conhecimento**, outras traduções têm “compreensão” (NTLH; cf. RA).⁵ O amor cristão é o laço ético que conduz à convicção da verdade da encarnação de Deus em Cristo Jesus. Em seguida, vem o passo da fé (**conhecimento**) que torna o fato real.⁶ Em outras palavras: “Este enriquecimento proveniente da convicção é alcançado vivendo no amor de Deus” (Ef 3.17-19).⁷ Repare nesta tradução do versículo 2: “Para que o coração deles se encha de coragem, seja unido em amor e alcance toda a riqueza que vem da plena segurança da compreensão, resultando em verdadeiro conhecimento do mistério de Deus, a saber, o próprio Cristo” (NASB).

O **mistério de Deus**, como indicado acima, é o próprio **Cristo**. Depois da palavra **Deus**, alguns manuscritos trazem a frase “e do Pai”⁸ (cf. ACF). Se a frase for retida, a doutrina da encarnação é amplificada. A ênfase recai sobre **Cristo** como o Filho de **Deus**. Se for omitida, o **mistério** ainda diz respeito à pessoa de Jesus **Cristo**, conforme revelam os versículos 3 e 9 e a passagem de 1.15-19.

Em quem (3), ou seja, **em Jesus Cristo, estão escondidos** todos os atributos da deidade. É este o mistério. **Escondidos** significa “contidos, que aguardam ser revelados no tempo certo”⁹ (2 Co 4.3,4). **Todos** (sem exceção) **os tesouros** (divinos) **da sabedoria e da ciência** têm sua origem **em Cristo**. Ele é o caminho para o perdão, a santificação, a sabedoria, Deus. Não há outra fonte de poder ou conhecimento fora de Cristo. Os métodos gnósticos de alcançar conhecimento sem ele e por mera especulação humana são todos falsos. O versículo 3 é reprimenda pungente contra as declarações dos falsos mestres. O verdadeiro conhecimento do modo de salvação encontra-se somente na compreensão de Cristo como a mais plena revelação de Deus, como se fosse o próprio Deus Pai. Qualquer coisa menos que isso Paulo chama de “vãs sutilezas” (8). “Cristo é tudo” (3.11). O argumento de Paulo é que a persistência no amor cristão fortalece a percepção deste mistério.¹⁰ Ele mostra o caminho para o conhecimento da doutrina do Deus encarnado, que é Jesus Cristo (Gl 4.4-7; 1 Tm 3.16). Nele está armazenada toda **ciência**, servindo-lhe de fonte, e toda **sabedoria**, que é o meio de aplicar essa **ciência** (Rm 11.33; 1 Co 1.30).

O fato há pouco declarado dá significado à doutrina da expiação, que ele declarará mais adiante (2.8ss.).

b) *A doutrina recebida* (2.4-7). Doutrina é mais que um conceito a ser entendido; é a fonte de um novo estilo de vida. Porque isso é verdadeiro, a vida cristã está em perigo.

(1) *Vida cristã ameaçada* (2.4). O Maligno é potente. Os crentes colossenses estão em perigo de serem enganados (lit., “atraídos”; cf. CH) a fazer um erro de cálculo. Se não pelo pecando, então pela falsa religião, a vida cristã seria destruída.¹¹ As palavras **para que “não”** (4; cf. BAB, NTLH) servem de alerta de que o pecado, embora um inimigo terrível, não precisa nos dominar. **E digo isto** se refere ao que acabou de ser escrito. Paulo redeclara sua grande preocupação por eles e pela fé deles na revelação há pouco declarada (1 Co 2.4ss.). **Palavras persuasivas** (“argumentos capciosos”, BJ; cf. NTLH, NVI, RA) indica os métodos dos falsos mestres, em contraste com não o método de persuasão e demonstração racional de Paulo. Hoje, como então, não devemos permitir que a verdade da encarnação se perca em meio aos argumentos prolixos de raciocínios humanos.

(2) *Vida cristã sustentada* (2.5). Paulo está ali para ajudar. A frase **em espírito, estou convosco** revela que a presença espiritual do apóstolo era muito real para eles (Fp 1.7; 1 Ts 2.17), embora ele fosse forçado a estar ausente, por ser prisioneiro de Roma (4.10). **Ordem e firmeza**, diz Moule, são termos militares ou metáforas.¹² Observe estas traduções: “Eu me alegro em ver a vossa formação disciplinada” (NEB); “vossa boa disciplina” (NASB). A palavra grega *stereoma* (**firmeza**, “fidelidade”) significa “a coisa sólida que constituía a base da igreja deles”¹³ (lit., “a firme fundação”).¹⁴ A firme fundação dos colossenses é a **fé em Cristo**, a **fé** que eles exerceram no momento em que entrarem na graça salvadora. Este tema é repetido e ampliado no próximo versículo.

(3) *Fé cristã efetivada* (6,7). O verbo grego traduzido por **recebestes** (6) está no tempo aoristo, denotando um ato decisivo e definitivo. É **Jesus Cristo** que é recebido, e não só a mensagem sobre ele. **Senhor** “faz vir à memória o nome pessoal ‘Jeová’ do Antigo Testamento”,¹⁵ e aqui aplica-se a Jesus. O artigo definido **o** é usado para eliminar todos os rivais (At 2.36; Ef 3.11); identifica a quem eles receberam. **Assim também**

andai significa “assim vivei”. O que eles começaram numa decisão em momento de crise, agora eles devem vivenciar na conduta diária. Eles têm de viver **nele**, em união com Cristo, numa atmosfera nova e celeste. Em vez de viver de acordo com meras normas e regulamentos, agora eles têm de viver de acordo com Cristo. Questões sobre sábados, festas e regras perdem a importância diante de Cristo, como se dá com a sombra diante do sol. Quando temos verdadeiramente a mente e o espírito de Cristo, o resultado tem de ser a verdadeira ética (1.10; 3.7ss.; 4.5). O significado e propósito da encarnação se cumprem quando os crentes se unem a Cristo pela fé. Como diz Moule: “O evangelho cristão é essencialmente um relato *histórico* do que aconteceu no passado; mas também essencialmente, significa incorporação *agora* na Pessoa que ainda vive e de quem o relato fala — o Cristo contemporâneo”.¹⁶

Arraigados e edificados (7) são duas metáforas distintas — uma de uma árvore, a outra de uma casa. **Arraigados** está no tempo passado; é um fato completo. **Edificados** está no tempo presente, dando a entender um processo contínuo de construção e desenvolvimento. A árvore corretamente plantada (**arraigados**, ou “enraizados”, BAB, NTLH, NVI) dá frutos, retirando nutrientes do solo natural da alma — Jesus Cristo. Como ilustrado pela segunda imagem (**edificados**, ou “sobreedificados”, ACF; cf. NTLH), o ato que lança o crente no caminho santo tem de ser elaborado, construído pedra sobre pedra como um edifício, na vida diária. **Na fé** significa o corpo de doutrinas cristãs; mais especificamente, a doutrina a qual Paulo expusera (2,3). Esta verdade é a fundação na qual eles devem ser **confirmados** (“firmados”, NVI).

Assim como fostes ensinados (7) é outra indicação da confiança que Paulo colocava no pastor dos crentes colossenses, Epafra (1.7). De acordo com a gramática grega, **crescendo** modifica a vida em Cristo e a **ação de graças**. Paulo tinha o hábito de enfatizar a gratidão, e isso porque nossas bênçãos são todas da graça. **A ação de graças** é o fruto de uma vida próspera em Cristo.

2. A Expição (2.8-15)

Bem ao lado do mistério da entrada de Cristo no mundo temos o mistério da sua partida e o que significa para o mundo dos homens. Nestas duas doutrinas, a encarnação e a expiação, estão reveladas o mistério de Deus em Cristo. A verdade aqui diz respeito a quem é Cristo e o que ele fez.

O surgimento de Cristo na história por meio do nascimento virginal (Is 7.10ss.; Mt 1.18,20,23; Lc 1.26ss.) não tem significado ou propósito se não existir a expiação feita por ele (Rm 3.24,25; 6.6-10). Toda afirmação que diz que Cristo é nosso Salvador e Redentor é invalidada se a manifestação de Deus em Jesus não for recebida. É nestes dois pontos que o evangelho recebe os maiores ataques. Isso é tão verdadeiro hoje quanto era na situação colossense. Mas a Bíblia declara estas duas doutrinas de modo claro e ousado.

a) *A base da doutrina* (2.8-10). **Tende cuidado** (8) são palavras que proclamam cautela. Analisemos, pois, estas verdades.

(1) *O aviso* (8). **Faça presa** significa, provavelmente, “seqüestre”, e não “saqueie”, “prive” ou “roube”.¹⁷ Moule sugere: “vos arrebate o corpo e a alma”.¹⁸ Eis de novo a exortação sobre a possibilidade de apostasia (1.21). O texto mostra que o crente é pessoalmente responsável, é participante de seu próprio engano. **Filosofias**, quando é sabedoria hu-

mana que se opõe à revelação, nos afastam de Cristo. Este é o único versículo bíblico onde ocorre a palavra grega *philosophia*.¹⁹ **Vãs sutilezas** é “especulação ilusória” (NEB; cf. “argumentos sem valor”, NTLH). O que Paulo está a ponto de dizer não se alcança por mera reflexão profunda, filosofia sublime ou aprendizagem exaustiva, mas por revelação simples (Gl 1.12). O apóstolo não é contra a sabedoria e o conhecimento em si, mas contra a arrogância humana enquanto fonte dessas coisas. É extremamente comum que as pessoas queiram “um Cristo de acordo com o sistema de pensamento, e não um sistema de pensamento de acordo com o Cristo santificado”.²⁰

Paulo mostra duas armadilhas: a) a **tradição dos homens**, ou a mera sabedoria humana, que sempre é inferior à revelação divina (1 Pe 1.18); e b) os **rudimentos do mundo** (*stoicheia*), os poderes demoníacos ou os espíritos elementares. Percy afirma que são “noções” ou, mais provavelmente, “seres”, partes constituintes de uma série, contrários ao cristianismo e suficientemente pessoais para manter as pessoas em sujeição.²¹ Tratam-se de poderes influentes, mas não são supremos. No fim, todos eles serão sujeitos a Cristo. Estes “deuses” não são absolutamente deuses (Gl 4.8,9). A verdadeira adoração se contrapõe às tradições humanas que culminam em cerimonialismo, rituais, formas, sinais e dias especiais. Semelhante adoração atribui valor somente a Deus. “O cristianismo que prima excessivamente por formas e cerimônias é um retrocesso e queda fenomenais.”²² É o substituto humano de uma religião santa e mortífera ao pecado. Pelo fato de tal prática religiosa estar de acordo com os homens, não é segundo Cristo.²³

(2) **Cristo é Deus** (9,10). Temos aqui uma reiteração da doutrina da encarnação. O antecedente para **nele** é “Cristo” (8), em quem **habita** ou “está presente” (NTLH; tempo presente; agora) todos os elementos essenciais da deidade. **Toda a plenitude da divindade** (*theotetos*) não significa apenas as características da deidade, mas a própria natureza de Deus (1.19; 2.3).²⁴ Esta é a única ocorrência de *theotetos* no Novo Testamento.²⁵ **Toda** não admite falta. **Corporalmente** significa “em carne humana”, “realmente”; não tipicamente ou figurativamente, mas “substancialmente ou pessoalmente, pela mais rigorosa união, como a alma mora no corpo; de forma que Deus e homem são um Cristo”.²⁶ Só nos resta admirar e cantar a maravilha de todas essas coisas! Que infalibilidade arrogante é declarar Cristo falível! O docetismo dizia que Cristo só *parecia* homem. O gnosticismo enfatizava que a deidade se distribuía a muitos seres, entre os quais Cristo era um.²⁷ Mas Paulo está dizendo que Jesus Cristo é Deus em carne. No Filho estão os atributos da deidade. A deidade realmente mora inteiramente em Cristo. O verdadeiro “conhecimento” (*gnosis*) é Cristo; não há revelação mais completa nem mais inclusiva de Deus que Cristo. Para Paulo, Cristo não é apenas um integrante de uma ordem de seres superiores aos homens, mas inferiores a Deus, como diziam os mestres do gnosticismo. Jesus Cristo é “[Deus] que se manifestou em carne” (1 Tm 3.16).

O resultado do ensino de Paulo é a salvação dos homens: **E estais perfeitos nele** (10; ou “e fostes cheios dele”). Temos estas opções tradutórias: “E nele fostes levados à plenitude da vida” (RSV; cf. BJ); “e, por estarem nele, [...] vocês receberam a plenitude” (NVI). Tudo que é necessário à salvação vem por Jesus Cristo. Não há necessidade de mais ninguém (1 Co 1.30). **Nele** mostra como essa vida é dada; é pela união com Cristo, pela fé **nele** e em seu modo de salvação.

Nas palavras **a cabeça** (10), vemos a preeminência de Cristo exaltada para fortalecer o ensino da suficiência de Cristo como nosso Salvador (1.18). Sua supremacia se

estende sobre a igreja, que voluntariamente o serve, e sobre todas as forças que se lhe opõem (Fp 2.10,11). **Principado** e **potestade** podem ser traduzidos por “poder” (NVI) e “autoridade” (BJ, NVI; cf. NTLH). Quando temos Cristo, não reconhecemos nenhuma outra autoridade no mundo espiritual.

b) *Os benefícios da doutrina* (2.11-13). Duas ilustrações e uma declaração objetiva manifestam os benefícios da expiação.

(1) *As ilustrações* (11,12). Duas metáforas ilustram a salvação pela expiação: a, **circuncisão** (11) e o **batismo** (12). **No qual** tem Cristo (8) por seu antecedente e significa união com ele. Aqui, **circuncidados** se refere a um ato espiritual rememorativo ao rito físico da fé judaica. É senão símbolo do ato real: o **despojo do corpo da carne**. “Esta é uma purificação interior, que para Paulo era a verdadeira circuncisão”²⁸ (Dt 10.16; 30.6). É ilustração de nossa purificação moral pela **circuncisão** (morte) **de Cristo** (cf. Is 53.8). A ilustração dá a entender claramente que a experiência é um ato conclusivo e não um processo longo. **Não feita por mão**, quer dizer, é realizada espiritualmente (cf. BV). Certos manuscritos²⁹ têm as palavras “dos pecados” na frase **despojo do corpo** “dos pecados” **da carne** (ACF; cf. CH); a inclusão ou omissão dessas palavras não mudam o significado essencial do versículo.

É enganoso entender que o **corpo da carne** (11) seja o corpo humano,³⁰ como sugerem certos expositores.³¹ Barclay também não tem razão quando afirma: “Por carne, Paulo quis dizer a parte da natureza humana que dá uma cabeça de ponte para o pecado”.³² Paulo está dizendo que o **corpo da carne** é algo contrário à natureza humana, algo que pode ser *despojado* (3.8,9). Paulo está falando em termos morais e espirituais. Carson resvala ainda mais quando declara que despojar o **corpo da carne** é repudiá-lo.³³ Muitos escravos do pecado repudiam a velha vida, mas nunca podem despojá-la.

Pelo visto, o **corpo da carne** (11) não é alguma parte do “nosso corpo de humilhação”, que, de acordo com as Escrituras, não pode ser aperfeiçoado até a ressurreição (1 Co 15.53,54; Fp 3.21 [RA]). É um mal, visto como uma totalidade (corpo), completamente distinto do corpo humano e estranho a ele. O princípio dominante desse **corpo**, a **carne**, opera no homem em situação oposta e em vontade contrária à “lei do Espírito de vida” (Rm 8.2,7; Ef 2.16). Esse mal contamina o espírito como também o corpo do homem. Não devemos confundir o **corpo da carne** com o espírito essencial ou o corpo humano. Ele pode ser despojado *agora* (nesta vida), descartado pela **circuncisão** (morte) **de Cristo** em nosso favor. **Circuncisão** é uma ilustração da graça de nossa santificação. “Na circuncisão espiritual, por Cristo, toda a natureza carnal corrupta é descartada como uma peça de roupa que é tirada e posta de lado.”³⁴ Está claro que o que é *despojado* nesta experiência em um ato definitivo e conclusivo deve ser *rejeitado* em atos diários de renúncia (3.5,8,9).

Paulo vê a salvação pela expiação de **Cristo** sob a ilustração da **circuncisão** como uma mudança moral no coração e na vida do homem através da adoção de um novo princípio de conduta: a “lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus”, no lugar da “lei do pecado e da morte” (Rm 8.2), ou do espírito de “inimizade contra Deus” (Rm 8.7). Temos aqui o ensino da graça imputada e concedida.

A expressão **circuncisão de Cristo** (11) proporciona interpretações diversas: a) A morte de **Cristo**, quando ele tirou o pecado dos homens (o ato da expiação); b) a

morte de **Cristo**, quando ele despojou o seu próprio corpo físico; c) a própria **circuncisão de Cristo** quando ele era criança. Das três opções, a primeira é a mais significativa (1.13,21,22; 2.15).

Sepultados com ele no batismo (12) é outra ilustração do que significa ser libertado da velha vida de pecado e entrar na nova vida de salvação. É símbolo da morte e ressurreição. Este versículo é paralelo ao anterior. No **batismo** morremos simbolicamente para a velha vida, fomos enterrados e ressuscitamos com Cristo para a nova vida. **Pela fé** **no** é tradução correta. **Poder** fala da força e “operação” (RSV) de Deus. A fé do homem é inspirada pelo **poder** que havia para ressuscitar Cristo **dos mortos**. Os poderes de Satanás revelaram-se insuficientes para manter Cristo cativo, e o mesmo acontece com relação a nós.

(2) *A declaração objetiva* (13). As palavras **e, quando vós** nos levam de volta ao trecho de 1.21ss. e destacam a comprovação pessoal dos próprios crentes colossenses acerca da suficiência de Cristo. Se eles permitirem que o amor (a ética cristã) opere, eles sempre terão mais entendimento (2.2) sobre a certeza de salvação (1.27). **Mortos nos pecados** descreve a condição natural do homem em relação a Deus — moralmente morto, mas fisicamente vivo. A **incircuncisão da vossa carne** é outro modo de descrever a condição depravada. Pelo visto, Paulo não está falando da circuncisão feita fisicamente, mas da fé em Cristo que é o meio de despojar a velha vida e começar a nova vida. É uma transformação da morte concernente a Deus para a nova vida em Cristo. **Vos vivificou juntamente com ele** mostra que a união com Cristo é o meio da nova vida. Se a “cabeça” está viva, o “corpo” também está. Estar unido com Cristo é vida. Se a **incircuncisão** se refere ao ato feito fisicamente, então Paulo está declarando o que ele já disse (At 15; Rm 2.25,28,29; Gl 5.6,11; 6.15). *Esse tipo* de circuncisão mostra-se desnecessário e inútil para a salvação. A evidência da graça salvadora é sermos vivificados, levados para a nova vida de justiça ética, pelo fato de nos terem sido perdoadas as **ofensas** (“pecados”, BV, CH; “transgressões”, NVI; “delitos”, AEC, RA; “faltas”, BV). Uma condição segue logicamente a outra, como o calor vem com o sol, embora sejam coincidentes. A vivificação fala de nossa santificação começada, da mesma forma que o perdão fala de nossa justificação. **Todas as ofensas** mostra que o perdão é total. Cristo é Salvador suficiente (3.11).

c) *O campo de batalha da doutrina* (2.14,15). O campo de batalha da expiação é a **cruz** do Calvário. As acusações contra o homem foram pregadas com Cristo na rude **cruz**. **A cédula... nas suas ordenanças** (“escrito de dívida”, AEC, RA; “título de dívida”, BJ; “dívida”, NTLH; “acusações confirmadas”, BV) é um contrato assinado, um reconhecimento de dívida feito com Deus e assinado (ou aceito) pela humanidade.³⁵ Todos os homens responsáveis admitem o fato do pecado, e concordam com a justiça da pena de morte por causa disso. A acusação é **contra nós**. A **cédula** é a lei e a consciência. A obrigação legal **nos** é **contrária**. Agora Paulo declara o modo no qual Deus retirará a pena de morte. **Havendo riscado** significa que a acusação foi “lambuzada” como se dá quando se aplica cera.³⁶ “Outro modo de dizer é que, considerando que Cristo morreu e que fomos mortos com ele pelo batismo ‘na sua morte’, então o título de dívida não é mais válido; nossa morte (com Cristo) nos liberta da obrigação.”³⁷ Cristo é a propiciação por nossa dívida (Rm 3.24,25). O verbo grego traduzido por **cravando-a** está no tempo aoristo,

significando um trabalho acabado. Aqui e em João 20.25 estão as únicas referências aos cravos na crucificação.³⁸ Poderíamos levantar a questão sobre quem perdoa ou crava as acusações, o Pai ou Cristo. As duas Pessoas são usadas intercambiavelmente como sujeitos das ações tomadas; isso nos leva a concluir que o Pai e o Filho estão envolvidos na obra do Calvário.

O perdão é o resultado glorioso do conflito terrível, cuja descrição é tão expressiva. O verbo grego traduzido por **despojando** (15) está na voz média. O significado disso é que Cristo se despiu de todos os **principados e potestades**. Na morte, ele se submeteu a eles para então triunfar sobre eles. Ele confronta estas forças demoníacas e mostra que estão em oposição total a ele. Ao se submeter à cruz, ele **os expôs publicamente**. Ele revela em público a verdadeira natureza desses seres. Todos temos livre acesso ao texto narrativo de como eles se opuseram a Cristo e o mataram (Is 53).

E nosso Senhor **deles triunfou** (15), conduzindo-os como um general vitorioso conduz seus prisioneiros em procissão de vitória.³⁹ A cruz é o campo de batalha cósmico, onde Cristo derrotou sozinho todos os poderes do inferno (Ef 2.15,16), desmascarando-os, mostrando o que realmente são — inimigos de Deus e de todo o bem. Estes poderes religiosos e pagãos pensavam que estavam acabando com Cristo para sempre. Mas o que realmente aconteceu foi que Cristo os tirou do caminho. Pela ressurreição, ele fugiu e mostrou que era superior a eles. Então, pergunta Paulo, por que ficarmos presos a estes poderes mundanos, sermos julgados por autoridades de menor importância e permanecermos enganados por inimigos comprovados de Cristo? O apóstolo exorta que todos circuncidem a inimizade do coração para renderem-se a Deus somente (Rm 12.1,2).

Há dúvidas relativas às palavras finais do versículo 15. É **em si mesmo** ou *nela* que a vitória foi ganha? Se a significação correta for **em si mesmo**, então Deus triunfou em Cristo. Se as palavras gregas significam *nela*, então Paulo está se referindo à cruz⁴⁰ (cf. AEC, BV, NTLH, NVI, RA).

Sua morte é nossa morte, simbolizada pelo batismo nas águas. Sua circuncisão (ser “cortado”, Is 53.8) é nossa circuncisão. Cristo é pessoalmente responsável por nossa redenção. Ele conquistou todas as forças adversárias no Calvário e na sepultura. Foi esta a batalha cósmica decisiva entre Deus e todas as forças satânicas.

*Cristo, em tua cruz há glória,
Dominando o caos maior;
Toda a luz da sacra história
Se concentra ao seu redor.⁴¹*

B. DEVER, 2.16-23

O combate de Paulo com os falsos mestres colossenses tem a ver com doutrina, mas este combate é levado para o âmbito da conduta humana. Como disse alguém, para Paulo, “a doutrina é a semente do dever”. Sua preocupação com o dever envolve duas áreas principais: rituais e regulamentos.

1. *Rituais* (2.16-19)

a) *Questões de calendário* (2.16,17). **Portanto** refere-se ao que acabou de ser apresentado e leva à conclusão: **Ninguém vos julgue** (“dê seu parecer sobre vós”). Todas as outras religiões envolvem atos e práticas de reconciliação inferiores e inúteis: **pelo comer, ou pelo beber** (alimentos), **dias de festa** (festividades anuais), **lua nova** (observância mensal), **sábados** (observância semanal) (Nm 28.9).⁴² Embora não haja no original grego o artigo definido **os** antes de **sábados**, seu uso esclarece o significado. Paulo estava resistindo aos judaizantes que insistiam na observância legalista do sábado.⁴³ Estas eram questões nas quais os inimigos de Cristo tiveram sucesso em crucificá-lo (Rm 14.1ss.; 1 Tm 4.3; Tt 1.14; Hb 9.10ss.; 13.9,10).

Que são sombras (17) é explicado no versículo 18 e posto em contraste no versículo 19. O termo **sombras** caracteriza os sistemas ritualistas do judaísmo. As **sombras** são indicativas da realidade, Cristo. No Antigo Testamento, viam-se apenas as **sombras**. No Novo Testamento, o **corpo** (*soma*, “substância”), que é **Cristo**, está presente. Mas mesmo hoje temos aqueles que seriam “escravos de sombras”: tipos, formas e rituais. A base da exortação de Paulo aqui é a obra de **Cristo**; questões de calendário não têm valor como meio de salvação (Rm 14.17). Sua função mostra o sacrifício de Cristo. Que tolice chamar as **sombras** de realidade!

b) *Questões intermediárias* (2.18,19). O versículo 18 é difícil de traduzir. Temos de “fazer nossa escolha de emendas conjecturais ambíguas, ou fazer o melhor que pudermos com o texto”.⁴⁴ **Ninguém vos domine** é igual a “ninguém vos prive” (AEC; ver RC em nota de rodapé). Moule diz: “Ninguém vos declare desqualificados”⁴⁵ (cf. BV), e assim prive o crente do seu legítimo prêmio ou recompensa. Paulo está dizendo: “Não permitais que o ato ritualista aja como árbitro em vós” (cf. RA). **Com pretexto de humildade** significa auto-humilhação (23).⁴⁶ Wahl diz que é, literalmente, “deleitando-se em humildade” (cf. NVI), como os escribas (Mc 12.38).⁴⁷ Tal atitude não é proveniente da graça, mas trata-se de realização humana. Levando em conta o versículo 23, esta mortificação é esforço puramente humano para “debilitar a natureza material do homem [...] e abrir caminho para a visão celestial e o pleno conhecimento místico”.⁴⁸ Neste caso, a salvação é uma ascensão humana por meio de estágios em vez de ser um passo de fé em Cristo pelo que ele fez por nós. Aqui, a humildade é um defeito; em 3.12, é uma virtude. É o motivo que faz a diferença.

Culto dos anjos (18; angelolatria) chama novamente a atenção à futilidade de implorar aos seres intermediários para chegar ao trono de Deus. Essas implorações envolvem auto-humilhação e tortura auto-imposta. Mas mesmo assim, é “falsa humildade” (NTLH). Estas práticas presumem que os intermediários são necessários para semelhantes privilégios sublimes. Paulo está tentando mostrar que há acesso imediato a Deus. **Metendo-se em coisas que não viu** é traduzido por “baseando-se em visões” (AEC, RA; cf. BJ, BV, NTLH). A palavra **não** deve ser omitida com base em evidências nos textos gregos originais.⁴⁹ Pelo visto, a frase pode ser entendida com ou sem o advérbio de negação. O significado é, possivelmente, tomar posição em coisas que não viu ou percebeu (i.e., em mera suposição), ou tomar posição em visões ou experiências místicas de coisas que se mostram contrárias a Cristo, conforme estão reveladas nas Escrituras. A.

D. Nock traduz a frase assim: “sempre investigando”.⁵⁰ O verdadeiro cristão não tem de ver ou saber de tudo; ele anda por fé quando não vê (2 Co 5.7). O ritualista preocupa-se principalmente (e no final das contas) apenas com o que vê.

Estando debalde inchado (18) deve ser unido com a falsa “humildade” do versículo 23. **Carnal compreensão** é, realmente, “mente carnal” (AEC, BJ, NVI, RA; Rm 8.5-8,13; Gl 3.3). Significa a perspectiva materialista e sensual, na qual os valores estão somente nas aparências exteriores. Considerando que é Deus que qualifica (1.12), nenhum poder de menor importância desqualifica o crente da sua recompensa legítima, insistindo ter acesso ao trono de Deus por qualquer outra agência. Cristo é suficiente.

E não ligado (19) deve ser “e não mantendo *firmemente*”.⁵¹ “Quem não mantém Cristo supremamente acima de todos os outros, não mantém nada.”⁵² **À cabeça** rememora 1.18. Este é, então, o resultado final daqueles que privam o crente de sua recompensa; terão o **corpo** separado da **cabeça**. As **juntas** são os pontos de união entre os membros do corpo; **ligaduras** são os ligamentos, nervos e tecidos pelos quais esta mesma união é mantida e nutrida. Dificilmente **provido** é referência aos ministros e funcionários da igreja.⁵³ Trata-se de ilustração da relação de Cristo com a igreja e dos membros da igreja uns com os outros. **Organizado** significa “firmemente unido” (cf. 2.2; 3.14; Ef 4.4-6). **Em aumento de Deus** não é, literalmente, **aumento de Deus**, mas *proveniente de Deus*, “o crescimento que procede de Deus” (RA; cf. AEC, NVI; cf. tb. 1.10; 2.7).

As “vãs sutilezas” (8) primam por mediadores, asceticismo e autopunição — coisas que podem ser “vistas” (18, **viu**) e são temporais — em troca do que é não-visto e eterno. Mas temos de andar pela fé e não por vista; temos acesso imediato a Deus pela fé (Rm 5.1; Hb 11.1).

2. Regulamentos (2.20-23)

Pois não ocorre nos manuscritos mais antigos,⁵⁴ mas a transição propõe sua validade. Em sentido espiritual, **mortos com Cristo** significa morte para o mundo do mal. Não levanta dúvidas sobre a experiência cristã dos colossenses. Paulo quer que esses crentes ponham em prática cotidiana o que experimentaram quando conheceram Cristo, morreram com ele (12) e ressuscitaram para uma nova vida nele (13). Os cristãos devem ser ensinados; têm de aprender, aprimorar e crescer. A direção da nova vida é dada num momento, mas o modo da nova vida é um processo implementado dia a dia. Os crentes têm de estar mortos **aos rudimentos** (*stoicheia*, os poderes adversários espirituais menos importantes) e às suas demandas, que são temporais e externas (22). Deixar-se carregar de **ordenanças** (20; escravidão passiva; cf. AEC, BJ, CH, NVI, RA) é viver **no mundo** dos sentimentos e do tempo e não no mundo que é “de cima” (3.1). Estas **ordenanças** têm origem na sabedoria terrena e inferior. Tratam-se de **doutrinas** produzidas por homens e não são de Deus. Quem pôs sua confiança em Cristo não confia em regulamentos propostos por poderes inferiores. O versículo 21 deve ser traduzido com ênfase ascendente. Não assim: **Não toques, não proves, não manuseies**, mas assim: “Não manuseies, nem proves, nem [mesmo] toques”⁵⁵ (cf. BJ, BV, RA). Nas **ordenanças**, as **coisas** que podem ser tocadas e manuseadas são temporais; elas **perecem** ao serem usadas, como ocorre com o urânio na produção de energia nuclear. Tais ordens são impotentes para auxiliar a verdadeira justiça. O que pode auxiliá-la? A união do crente com Cristo. Não alcançamos a moralidade fazendo negações ou cumprindo regulamentos,

mas estando unidos com Cristo. Somente ele é o padrão e a inspiração para a conduta ética. É pela renúncia de regras humanas que são contrárias ao amor de Cristo que alcançamos a mais sublime ética. A fundação disso acha-se em nosso amor por Cristo, em virtude do que ele fez no Calvário. Aquele que renuncia as regras a favor de Cristo nada perde em termos de ética. Não há licença para o erro quando aceitamos uma inspiração suprema para nossas escolhas morais (3.12ss.; Rm 6.1).

Certos expositores declaram que o versículo 23 é “desesperadamente ambíguo”,⁵⁶ mas esta é afirmação exagerada. **Devoção voluntária** (*ethelothreskia*) transmite a idéia de afetação. O versículo mostra que este sistema com seus trabalhos, mediadores e tortura auto-imposta dá a falsa aparência de **humildade**⁵⁷ (cf. AEC, NTLH, RA). Este método *parece* negar a **carne** pecaminosa, mas na realidade deixa mais intensa a influência do princípio da **carne** e torna ineficaz o forte incentivo moral que advém de morrer com Cristo. Phillips traduz assim o versículo: “Sei que esses regulamentos aparentam sabedoria com seus esforços piedosos auto-inspirados, com sua prática de auto-humilhação e com a negligência deliberada do corpo. Na prática, porém, eles não têm nenhum valor, mas apenas afagam a carne” (CH).

Goodspeed resume esta seção, declarando que Paulo refuta o erro gnóstico:

Eles afirmavam que podíamos alcançar um estágio mais sublime da experiência cristã pela adoração de certos seres angelicais e pela comunhão com eles do que pela mera fé em Cristo. Eles reconheciam o valor da comunhão com Cristo, mas apenas como fase elementar nesta iniciação mística, a qual diziam ter. Segundo declaravam, era somente pela comunhão com estes seres ou princípios que subiríamos a uma experiência da plenitude divina para alcançar o mais alto desenvolvimento religioso. [...] Esse movimento ameaçava [...] degradar Jesus de sua verdadeira posição, colocando-o numa posição subordinada, como a dos seres imaginários das especulações colossenses.⁵⁸

Todas as falsas religiões e todas as falsas interpretações do cristianismo colocam Cristo nesta posição inferior em seus programas esquemáticos. Mas, para Paulo, Cristo é supremo: “Cristo é tudo em todos” (3.11).

Esta seção que começa com: “Se [...] estais mortos com Cristo” (2.20), tem seu correlativo em 3.1: “Se já ressuscitastes com Cristo”. Tendo concluído a parte polêmica da carta, Paulo expõe com mais clareza o resultado natural de uma concepção e experiência correta da graça divina, qual seja, a santidade ética. Ele declara categoricamente que só a graça de Deus e não a força da vontade humana pode deter a prática da satisfação da **carne**. Agora ele passa a desenvolver esta verdade.

SEÇÃO IV

CONCLUSÃO

Colossenses 3.1—4.6

O tema da controvérsia foi devidamente tratado. Depois de se dirigir aos crentes colossenses, agora Paulo passa a falar sobre o resultado esperado de sua mensagem relativa ao ofício e obra de Cristo. Essa mensagem, declara o apóstolo, resulta em justiça ética. Os deveres práticos advindos dessa justiça são resumidos em alguns princípios declarados em lugares apropriados na exortação. Ele reitera que a fonte da verdadeira ética é exclusivamente Cristo; que essa justiça provém de estarmos em união com ele (1-4). Tal opinião (2.9) e experiência (2.10-12) de Cristo, conforme apresenta Paulo, coloca o crente num novo mundo e dá novo entendimento do que é a vida.

A. NOVO QUADRO DE REFERÊNCIA, 3.1-4

1. *As Coisas de Cristo* (3.1)

Portanto, se já ressuscitastes (1) é paralelo a “se, pois, estais mortos” (2.20), que apresenta uma abordagem negativa para solucionar o problema do pecado e da ética. Aqui, a abordagem é positiva. A palavra **se** não sugere dúvida, mas significa “já que” (BV, NVI). “Tudo quanto ele fez, Deus considera que também fizemos.”¹ Aqui, **com Cristo** é igual a “em Cristo”, porque a relação é íntima e total. O crente foi misticamente ressuscitado **com Cristo**, tanto quanto foi misticamente morto e enterrado **com** ele sob a figura do batismo nas águas (2.12). **Buscai as coisas que são de cima** torna-se o empreendimento vitalício do homem em **Cristo**. A frase **onde Cristo está assentado**

refere-se ao trono de **Deus**. A implicação da ressurreição que advém das doutrinas da encarnação e expiação leva à conclusão inevitável da deidade de **Cristo**. Este Jesus é o **Cristo** (At 9.5). Este entendimento não ocorre só por pensamento ou filosofia, mas por experiência (2.2) e revelação (Gl 1.16). Os crentes têm outra perspectiva de todas as coisas, em virtude da relação que gozam com o Senhor que receberam.

2. *As Realidades Espirituais* (3.2,3)

Pensai nas significa “estai determinado a certo modo”, e alude à mente, vontade e espírito.² O crente tem de manter a mente firme nas **coisas** transcendentais e últimas: as **coisas que são de cima**. A frase **nas que são da terra** aplica-se ao mundo carnal e material.

Mortos (3) chama a atenção a 2.20 e fala da relação do crente com o mundo aqui e agora. Estar **mortos** para o mundo faz contraste com estar “mortos nos pecados” (2.13). A nova **vida** (3) é de **Cristo**. Ele é a fonte dessa **vida** (Jo 10.18). **Escondida** indica que esta **vida** não é conhecida a quem não crê (2 Co 4.3-6). Trata-se de uma realidade para o crente e é realizada numa nova consciência e poder éticos para a justiça. Essa **vida**, embora de certo modo **escondida**, será revelada de maneira muito mais gloriosa (1 Co 15.51ss.; 1 Ts 4.13-18; 1 Jo 3.2). Essa **vida** está **escondida** em “Cristo, que é a nossa vida”. **Cristo em Deus** indica a união essencial do Pai e do Filho.

Alexander Maclaren examina “Ressuscitado com Cristo”, servindo-se dos versículos 1 e 2: 1) A vida cristã é uma vida ressuscitada, 1a; 2) O alvo da vida cristã: **Buscai as coisas que são de cima**, 1b; 3) A disciplina da vida cristã: **Pensai nas coisas que são de cima**, 2.

3. *A Manifestação de Cristo* (3.4)

Cristo... é a nossa vida. Ele é a fonte dessa **vida**. Essa **vida** é experimentada aqui e agora. O termo **se manifestar** é a única referência à segunda vinda nesta breve epístola. Aquilo que está escondido ou reservado será revelado para o mundo inteiro numa realidade majestosa e tremenda (Mt 24.27,31). **Com ele** tem um cumprimento místico (3.1) e um cumprimento escatológico (3.4). Os crentes se manifestarão **com ele em glória**, quer dizer, no céu ao término dos séculos.

B. RENÚNCIA COMPLETA, 3.5-11

Segundo o apóstolo, uma teologia mística que não tenha resultado ético prático é espúria. Ao longo de suas epístolas, Paulo enfatiza a santidade de coração e de vida como fruto da relação do crente com Cristo. Ele não está preocupado com a santidade cerimonial, mas com a santidade moral. Sua doutrina é a semente do dever ético.³ A justiça ética é o resultado lógico e dependente do contato vivo com o Cristo ressurreto (Gl 2.20). É nisto, e não nos ensinamentos gnósticos, que está a fonte da força para o crente seguir a Cristo (2.23).

1. *Renunciar o Mal Sensual* (3.5-7)

Mortificai (5) fala de matar e não se refere ao mau uso do corpo por mérito. O que tem de cessar é o mau uso dos membros do corpo para a satisfação do ego. O ato é crucial

e terminante (o verbo grego está no tempo aoristo).⁴ Temos esta tradução: “Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena” (AEC, RA; cf. NVI). Esta é a aplicação prática de 2.20. A mortificação é uma mudança da vontade, tirando-a do ego e colocando-a em Deus. Essa ação chama-se “morte”. Os membros que devem ser mortos são componentes de um corpo do pecado chamado o “velho homem” (3.9).⁵ Pelo que deduzimos, os pecados alistados são primariamente para a satisfação do ego e têm direção interior e sensual. São “os modos pelos quais os membros pecaminosamente se mostram”.⁶ Phillips traduziu esses pecados assim: “Livrem-se da imoralidade sexual, da mentalidade obscena, da paixão descontrolada, do desejo maligno e da cobiça dos bens de outra pessoa” (CH). Não é só a **avareza** que deve ser considerada como **idolatria** (segundo afirmam alguns),⁷ mas todos os pecados alistados também são da essência da falsa adoração. Qualquer coisa que esteja no lugar de Deus em nossa vida é **idolatria**. **Mortificai** (imperativo) mostra que o crente tem parte vital em fazer morrer as práticas más. A parte do crente complementa a obra de Deus, qualificando-nos para a salvação (1.12). Alguém sugeriu a seguinte ilustração: o avião está pronto, mas o vôo depende do piloto.

Esta morte a toda ação má e desejo mau é coerente, porque o crente já morreu com Cristo (3; 2.20). O que foi feito numa experiência de crise da graça divina, agora tem de ser implementado decisiva e permanentemente na vida diária (ver comentários em 1.21b,22; o tempo aoristo denota ação pontual sem levar em conta o tempo). O fazer morrer é igualmente necessário por causa da **ira de Deus** (6) para com estes pecados, o mau uso dos membros do corpo. O termo grego *orge* (**ira**) não significa mal vingativo, mas julgamento justo. **Deus** é terrivelmente justo. Maclaren ressalta que a **ira** é inevitável se **Deus** é santo.⁸ **Vem** (tempo presente) mostra que **Deus** é (*agora*) ativamente contrário aos malfetores.⁹ A expressão **filhos da desobediência** não consta em certos manuscritos (cf. BV), e julga-se que foi copiada da passagem paralela de Efésios 5.6. A expressão, porém, encaixa-se logicamente aqui, e deve ser retida¹⁰ (cf. AEC, RA).

Nas quais (7) pode ser traduzido por “entre os quais”, referindo-se aos antigos companheiros com quem eles andavam em comunhão quando viviam (**vivíeis**, tempo imperfeito; “estáveis vivendo”) no pecado. **Em outro tempo** significa “outroa” (BAB) ou “antigamente” (NTLH). A lembrança da antiga vida e dos amigos na degradação moral é outro incentivo para a mortificação.¹¹ Ou a passagem quer dizer apenas que “a conduta e a condição deles combinavam”.¹²

2. Despojar o Mal Social (3.8-11)

a) *Despir-se* (8,9). **Despojai-vos** (8; tempo aoristo médio) significa despir-se como se faz para tirar a roupa. Este ato complementa “mortificai” (5) que em grego também está no tempo aoristo. Ambos indicam determinação, resolução. Assim, o “fazer morrer”, que mata o pecado com um golpe decisivo, agora é apresentado com outra figura. Depois da crise vem a vivência dessa decisão na vida diária. Aquilo que é terreno tem de ser “despido”, “tirado”, “arrancado” (cf. BV, NTLH). O coração firmemente fixo em seu verdadeiro guia celestial prosseguirá continuamente ao destino designado; ele recusa a atração de outras influências que o desviariam do curso.

Paulo faz uma lista de alguns dos pecados que devem ser despojados. Pelo visto, têm direção social, ou seja, são contra as pessoas. No que tange à **ira**, Lightfoot escre-

ve: “Os pensadores estoicos distinguiram *thymon* (**ira**) como a explosão de *orgen* (**cólera**); [este último termo era] a questão resolvida e mantida”.¹³ O termo grego *kakian* (**malícia**) é a intenção de causar dano, e significa mal, encrenca ou maldade culpável. Como os outros termos são contra o homem, assim devemos entender que **maledicência** é xingamento ou calúnia contra as pessoas.¹⁴ Este é o significado primário do termo grego *blasphemia* (“blasfêmia”, BV; “insulto”, NVI; CH). **Palavras torpes** é conversa insinuante e má¹⁵ (cf. NTLH). Acerca de palavras desta natureza, Barclay afirma que quando são usadas no singular falam da qualidade da ação, mas quando estão no plural, servem de exemplos de ações.¹⁶

Não mintais (9) é, literalmente, “não mintais a vós mesmos”, e dá a entender que quem mente chega a acreditar nas próprias falsidades. Mentir não é o resultado naturalmente esperado do ato de renúncia; esta é a força da palavra **pois**. Devemos pôr em prática diária o que foi definitivamente feito quando aceitamos Jesus. O filho adotado tem de viver em harmonia com o seu novo ambiente e crescer. **Despistes** (em grego está no tempo aoristo) é igual a “despojastes”, “tirastes a roupa” e mostra, uma vez mais, a necessidade da participação e responsabilidade do homem na vida de justiça que se origina pela fé em Cristo.

A frase **velho homem com os seus feitos** tem muitas interpretações. Refere-se, neste exemplo, à totalidade da natureza e à antiga vida de pecado antes da encontrarmos Cristo na fé salvadora. Essa frase ocorre somente três vezes (Rm 6.6; Ef 4.22; e aqui). W. T. Purkiser diz: “Paulo o menciona [o **velho homem**] para mostrar o que temos de fazer com ele; que arranjo lhe dar”.¹⁷ Vincent afirma que o “velho homem” é o eu não renovado.¹⁸ Purkiser acrescenta: “Devemos reconhecer que o ‘velho homem’ se refere ao todo da vida pecaminosa anterior, bem como à causa ou raiz de onde essa vida surge”.¹⁹ J. B. Chapman destaca que não devemos comparar o **velho homem**, o qual tem de ser despojado, com o eu, como se nossa natureza humana tivesse de ser tirada. O eu continua existindo depois do “fazer morrer”, mas existe com novo padrão de vida.²⁰ Brockett declara que o **velho homem** é o antigo padrão de vida. Exemplificando, ele fala da ilustração de tecer o tecido da vida por um padrão velho ou por um padrão novo.²¹ Também diz que o **velho homem** é o “meu estado pecador como filho de Adão”.²² Se o **velho homem** é o eu não renovado, então o “novo homem” (10) é o eu renovado.

É confuso lermos que o eu deva morrer ou ser crucificado; e é psicologia capenga comparar o eu com o **velho homem**, o qual tem de ser despojado. De certo modo, diríamos que o eu “morre” para a velha vida quando a vida pecadora anterior é despojada. Paulo usa ilustração semelhante em outro lugar, quando destaca que a esposa está morta para a lei que a prende ao marido, quando o marido morre, embora ela continue vivendo (Rm 7.1-6).²³ Diante disso, Paulo tem razão quando diz que ele está “crucificado com Cristo” (Rm 6.6; Gl 2.20). Ele está realmente “[morto] para o pecado”, embora esteja “vivo para Deus” (Rm 6.11).

b) *Vestir a nova natureza* (10,11). Com **vos vestistes** (tempo aoristo), o apóstolo continua na ilustração do vestuário. O **novo** homem é a “nova criatura” em Cristo Jesus (Jo 3.3; 2 Co 5.17). É o eu renovado (**se renova**), o eu regenerado e santificado. O verbo **se renova** (particípio presente) não fala do “velho Adão” gradualmente sendo transformado em algo melhor, mas diz respeito ao **novo** homem, já existente em Cristo, progres-

sivamente efetivado na comunidade cristã. A renovação é uma efetivação contínua, um rejuvenescimento, como o corpo físico é constantemente renovado.²⁴ **Imagem** lembra a natureza do homem como foi originalmente criada à **imagem** de Deus (Gn 1.26,27). **Criou** nos faz lembrar Cristo, o Criador (1.16), e a nova criação (2 Co 5.17). O eu recriado do homem é **segundo a imagem** de Cristo.

Nesse mundo de novos homens não há classes sociais (11). Só o pecado desqualifica a pessoa para a salvação — raça, rito ou cultura não. **Cristo** está em cada crente e cada crente está em **Cristo**, qualquer que seja sua posição social. Discriminação nacional, religiosa, cultural e social desaparece na comunidade inteiramente cristã (1 Co 15.28; Ef 1.23; 4.6). **Cita** é, provavelmente, alusão a um povo cruel, que selvaticamente invadiu a coletividade judaica no século VII a.C.²⁵ Seus atos de crueldade são quase inimagináveis, mas até estrangeiros bárbaros como estes podiam ser transformados por **Cristo**. **Servo** (“escravo”, BJ, CH, NVI, RA) **ou livre** ganha mais significado diante do fato de que o mensageiro, Onésimo, que levou a carta para os colossenses, era escravo. **Cristo é tudo em todos** (lit., “tudo e em tudo, Cristo”) significa particularmente que todos que estão em Cristo estão igualmente nele e ele neles. Ele é tudo o que importa (cf. CH). Todo o universo tem sua origem e continuação nele.

C. RESPONSABILIDADE MORAL, 3.12—4.6

Os capítulos 1 e 2 dizem respeito principalmente à parte de Deus na reconciliação do homem. O capítulo 3 enfatiza a obrigação do homem que surge disso. Tendo tratado da responsabilidade negativa, agora Paulo fala concisamente sobre as responsabilidades éticas positivas da vida cristã.

1. *Ética Pessoal* (3.12-17)

O “vestir-se” no versículo 10 antecipa o **revesti-vos** no versículo 12, onde começa a aplicação prática da decisão inclusiva e definitiva. **Eleitos de Deus** fala de “graça” e “concerto” (1 Pe 2.9). A igreja é o verdadeiro Israel (Gl 3.7), cujos integrantes chamam-se **eleitos**. Os crentes são **santos e amados**. Novamente, **santos** traz conotação ética, pois a nova natureza tem de corresponder ao novo chamado²⁶ (1.2). **Amados** eleva os crentes às alturas e privilégios de 1.13. **Entranhas** (*splangkna*) é, literalmente, “compaixão” (AEC, NVI), ou coração de **misericórdia**. Os termos **humildade** e **mansidão** sugerem a boa vontade em aceitar a vontade de Deus em todas as coisas (1 Ts 5.18). A **longanimidade** abre mão da vingança.

Suportando-vos e **perdoando-vos** (13) eram especialmente necessários, por causa do rancor das disputas que devem ter surgido em torno dos assuntos revelados nesta carta.²⁷ Carson opina que, aqui, **perdoando-vos uns aos outros** tem idéia incorporada e é, literalmente, “perdoando-vos a vós mesmos”.²⁸ **Assim como Cristo vos perdoou** fornece a razão para tão nobre ação (Mt 6.12,14,15), um *princípio orientador* e um *exemplo* sobre o perdão.

Caridade (14; “amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA) é o capeamento de todos os blocos construtivos (2.7) do edifício moral. É o princípio ético fundamental e a suma de toda a lei moral (Rm 13.10; Gl 5.14). O amor é considerado **o vínculo da**

perfeição ou a “cinta” que prende a “roupa” que acabou de ser “vestida”. As graças e os crentes são unidos pelo amor (*agape*, “amor divino”), que é dado com o Cristo que neles habita (1.27). Está a “perfeição cristã” devidamente chamada.

Assim uma justiça minuciosa, que contempla uma reconciliação que é mundial (11) em seu campo de ação potencial, acompanha a reconciliação divino-humana. A relação horizontal tem de combinar com a relação vertical. Cristo, que habita no crente, lhe dá sua mente e espírito em todas as coisas. O “velho homem” de ódio e inimizade está morto. O amor que mantém a igreja unida e ligada ao seu Cristo é primariamente direcionado para a “família” dos santos (Rm 12.13; Gl 6.10), quer dizer, àqueles que são da comunhão cristã. Aí, então, o amor tem de ser direcionado “para com os que estão de fora” (4.5),²⁹ isto é, o mundo dos incrédulos, a fim de atraí-los para o círculo dos “eleitos”.

A **paz de Deus** (15) é, antes, a “paz de Cristo” (BAB, BJ, CH, NVI, RA; cf. BV, NTLH), que tem de dominar ou ser o princípio para resolver todas as futuras disputas doutrinárias e questões práticas. **Em um corpo** nos lembra que a harmonia dos membros, que foram misticamente incorporados no **corpo** de Cristo, é essencial para Cristo usá-lo como seu **corpo**. O organismo inteiro responde com assiduidade e obediência para fazer o que a cabeça ordena. **E sede agradecidos** (1.3,12; 4.2) é a reação inevitável de quem compreendeu o significado da graça.

A **palavra** (16) é a Bíblia, ou, falando em termos mais exatos, as palavras **de Cristo**. **Habite** significa “faça morada” no coração e na mente. A palavra tem de ter residência agradável e permanente (ver 1.19, sobre **habite**). O crente tem de conhecer a **palavra** tão bem a ponto de permanecer no coração e na mente, governando todas as ações e presidindo em todas as decisões. Essa **palavra** é a base ou qualificação única para ensinar e admoestar as pessoas (**ensinando-vos e admoestando-vos**). Paulo aconselha de acordo com a sua própria prática (1.28); ele prega somente **Cristo**.

Pensando lógica e gramaticalmente, a frase **salmos, hinos e cânticos espirituais** deve combinar com **cantando** e não com **ensinando-vos e admoestando-vos**.³⁰ Se a frase pertencer a **ensinando-vos**, então a música deve ser executada para a edificação dos outros e não para o prazer ou glória pessoal. **Com graça** significa “agradecidamente”, “com gratidão” (AEC, BAB, BV, NTLH, NVI, RA) ou com a **graça** de Deus, ou seja, com entendimento espiritual (1 Co 14.26; Ef 5.19). Pode-se fazer isto **em vosso coração** sob quaisquer circunstâncias quando é feito **ao Senhor**. A compreensão da **graça** infinita e imerecida, que é de Deus, torna possível nossos louvores. Esse tipo de louvor se dá no coração como também sai pela boca quando existe a verdadeira adoração. **Ao Senhor** deve ser, mais exatamente, “a Deus” (BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA). As habilidades de cantar, louvar, adorar e falar distinguem os homens dos meros animais e ajudam a responder a pergunta: “Que é o homem?” (Hb 2.6-13).

Na passagem de 4.12,15,16, temos algumas ferramentas básicas do, por assim dizer, comércio, e discernimentos sobre os serviços religiosos e práticas da igreja primitiva.

Quanto fizerdes por palavras (17) é um princípio sumário da ética cristã. O versículo 23 é paralelo deste. Regras específicas são mínimas na economia da graça do Novo Testamento. Formamos uma ética pessoal e específica a partir dos princípios e exemplos mostrados por Cristo. Quanto a este aspecto, ele não faz acepção de pessoas. Note a amplitude deste princípio; aplica-se a todo aspecto de conduta: **quanto e tudo** (“qualquer que seja” e “tudo”, CH; “tudo quanto”, BV). **Fizerdes** (em grego está no tem-

po aoristo) indica um *curso de ação determinado* (1.10). **Em nome do Senhor Jesus** fornece a inspiração para toda conduta moral. Alguns manuscritos acrescentam “Cristo”.³¹ As obras de Cristo são realizadas na obra do crente. Esta frase é muito semelhante à expressão “em Cristo”.³² Paulo continua com o argumento — só a graça possibilita que o homem dê **graças**, o qual por natureza é rebelde, ingrato e impotente para fazer os verdadeiros deveres cristãos. **A Deus Pai** nos faz lembrar o *objeto* da ética (23). E **por ele** (Cristo) revela a *força* pela qual a vida cristã é vivida, e o *canal* (gr., *dia*) por quem tudo sobe ao trono do **Pai**.

2. Responsabilidades Domésticas (3.18-21)

A fórmula “em Cristo” é colocada em operação nas relações humanas, tanto pessoais quanto sociais. Os ensinamentos cristãos se opõem às idéias pagãs pelo destaque que dá à natureza recíproca dos deveres³³ e pela relação de tudo com uma Pessoa, que é a medida e fim de toda ética e dever.³⁴ Todos os homens têm direitos, deveres e responsabilidades iguais. Deus não faz acepção de pessoas (25). “Em Cristo” fornece o motivo, a condição e a qualidade das ações a serem feitas.³⁵ Paulo destaca algumas relações em que se aplica o princípio: marido e esposa, pais e filhos, senhor e escravo.

a) *O papel da esposa* (3.18). Ainda que macho e fêmea sejam um em Cristo, é apropriado a esposa se sujeitar ao marido, pois primeiro foi formado Adão e, depois, Eva. Até o Filho é sujeito ao Pai (1 Co 15.28). Moule diz que submissão significa “lealdade”.³⁶ A união do marido e mulher é modelada segundo a relação divina que há entre Cristo e a igreja.³⁷ Com base em evidências nos textos gregos originais, a palavra **próprio** deve ser omitida (cf. BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI), embora ocorra originalmente na passagem paralela de Efésios 5.22. A fidelidade e a submissão da esposa presumem o amor do marido (19). Os versículos 18 e 19 estabelecem uma parceria de atividade. **Como convém no Senhor** limita a área de submissão;³⁸ estabelece os princípios cristãos como roteiros para as decisões domésticas.

b) *O papel do marido* (3.19). O amor pela esposa é o amor mais nobre (*agape*), o qual também é devido a Deus. **Não vos irriteis contra ela**, ou “não as trateis asperamente” (AEC; ou “com mau humor”, BJ); “não seja grosseiro com ela”, NTLH) é conselho em consideração pelo vaso mais fraco (1 Ts 4.3-5; 1 Pe 4.7). O amor suprime a irritação, a amargura, as ordens e o egoísmo. A nova vida em Cristo transforma o lar. Na ótica paulina, as relações entre marido e mulher são mutuamente respeitadas e tranquilas.

c) *O papel dos filhos* (3.20). A existência de amor e respeito em casa torna mais provável a obediência. Os **filhos** têm de obedecer aos **pais**. A palavra grega significa, literalmente, “ouvir debaixo de” ou “olhar para cima a”.³⁹ **Agradável ao Senhor** mantém a relação cristã e fornece o motivo para a obediência. Cada um agrada o outro quando cada um agrada a Deus (1.10); semelhantemente, cada um agrada a Deus quando busca o bem dos outros.

d) *O papel do pai* (3.21). Os **pais** são aconselhados a usar de restrição e sabedoria na disciplina, de forma a não levar os **filhos** a perder o **ânimo**. Por estar no imperativo

presente, **não irriteis**⁴⁰ significa não importunar como hábito.⁴¹ Pelo contrário, os **pais** devem proporcionar todo encorajamento responsável para o crescimento e desenvolvimento dos filhos.

3. *Responsabilidades Econômicas e Sociais* (3.22—4.1)

A questão da escravidão é mencionada aqui, provavelmente devido ao fato de que Onésimo, que era escravo fugitivo de Filemom e que voltava cristão ao seu senhor, levava a carta do sensível apóstolo para os crentes colossenses.

Certos expositores sugerem que esta passagem não tolera a escravidão. É, mais exatamente, uma apresentação de princípios econômicos cristãos. O **senhor** daqueles dias é o empregador de hoje, e os **servos** (“escravos”, BV, CH, NTLH, NVI) são os empregados. O **senhor** tem de pagar salários justos e satisfatórios, e o empregado tem de prestar serviço justo e total de um dia. Empregador e empregado são igualmente responsáveis diante de Deus sobre este aspecto (4.1).

Esses expositores sugerem também que esta passagem é uma das muitas áreas de responsabilidade agrupadas em torno dos princípios éticos expostos nos versículos 17 e 23. Sendo assim, este conselho sobre relações sociais é um desenvolvimento de 3.17, e não uma seção a ser considerada separadamente.

a) *O papel do escravo* (3.22-25). Nos dias de Paulo, o escravo era uma propriedade, mas o escravo cristão era uma pessoa, a quem recebiam como irmão (Fm 16). O apóstolo não procura transtornar imediatamente a ordem social existente por meio de ação violenta. Mas condena sua estrutura nociva injetando princípios cristãos na sociedade civil. Estes princípios funcionaram como levedura na massa, e acabaram penetrando a totalidade da sociedade e transformando-a segundo o estilo de Cristo. Por isso, os **servos** (22), como cristãos, devem sossegar e obedecer **em tudo a vosso senhor** (Rm 13.1ss.). Em nenhuma parte, Paulo insinua desobediência à autoridade civil, embora seus companheiros apóstolos apoiassem o princípio sob certas circunstâncias (At 5.29). Dizendo que esta é a vontade de Deus, Paulo aconselha respeito pela lei e pela ordem. Sua recomendação é obediência ao direito civil; mas onde quer que haja males, seu parecer é transformá-los por meios ordeiros (4.1). A palavra grega traduzida por **servindo só na aparência** é, talvez, de cunhagem de Paulo.⁴² Indica interesse e obediência somente quando o senhor está olhando.⁴³ Phillips traduz **em simplicidade de coração** por “como expressão sincera de sua devoção ao Senhor” (CH). **Temendo a Deus** é agradá-lo e, com isso, a pessoa se satisfaz (1.12). O **galardão** (24) não é tanto em termos de coisas materiais quanto em termos de aprovação de Deus. **Cristo é o Senhor** (Dono) dos senhores, pois eles o servem de verdade quando vivem de acordo com este ensino (17).

O versículo 25 revela a lei da recompensa divina. A injustiça é punida uniformemente, sem **acepção de pessoas**, escravos e senhores da mesma maneira.

b) *O papel do senhor* (4.1). Paulo mostra que os **senhores** também são **servos** (“escravos”, BV, NTLH, NVI) do **Senhor nos céus**. Por isso, eles também têm de ser obedientes. Fazer **o que for de justiça e equidade** aos **servos** (“escravos”, BV, NTLH, NVI) é igual a aconselhar os **senhores** a libertar os escravos. É recebê-los como irmãos (Fm

16). A regra de ouro fica em destaque (3.13b). Todos os **senhores**, mesmo os maus, no fim das contas têm de prestar contas a Deus, o **Senhor nos céus**.

A subdivisão anterior tinha um princípio do qual se derivou a ética doméstica. Da mesma forma, esta subdivisão tem um princípio para a ética salvífica. Este princípio está em 3.23: Tudo deve ser feito “como ao Senhor”. Paulo ressalta esta base. É Cristo e não regras (Gl 3.21-28). Ele é o *método*, o *motivo*, a *medida* e o *objeto* de todas as éticas.

A conduta ética, cuja origem e fim estejam em outro princípio que não a glória de Senhor Jesus Cristo, não é ética cristã. Os cristãos cantam: “A Deus demos glória, com grande fervor; seu Filho bendito por nós todos deu”.⁴⁴ E ao lado de Maria no Magnificat, eles dizem: “A minha alma engrandece ao Senhor. Porque me fez grandes coisas o Poderoso” (Lc 1.46,49).

4. Responsabilidades Evangelísticas (4.2-6)

O cristianismo é uma fé missionária. Para que o **mistério de Cristo** (3) seja devidamente proclamado, Paulo roga pela oportunidade de fazer assim. Com isso, ele dá aos crentes colossenses um exemplo.

a) *Oportunidade* (4.2-4). Uma vez mais o apóstolo une **oração** com **ação de graças** (2; 1.3,9,12), pois todo o bem vem de Deus. **Perseverai** enfatiza a necessidade de o cristão permanecer em constante atitude de comunhão com Deus (Rm 12.12). **A oração** também está unida com **velando**, ou seja, “vigilando” (ACF, RA), como Jesus exortou os discípulos no jardim do Getsêmani (Mt 26.41). Thomas escreve magnificamente: “Não temos de vigiar a nos mesmos, o que seria deprimente; não temos de vigiar Satanás, o que nos distrairia; não temos de vigiar nossos pecados, o que seria desanimador; mas temos de manter nosso olhar fixo em Cristo, ‘olhando para Jesus’”.⁴⁵

Ação de graças (2) deve ser importante, pois Paulo a menciona com frequência. É o principal meio de desenvolver amor e apreço por Cristo e por tudo que ele fez por nós. Serve para sempre manter diante de nós nossa dependência dele.

Na verdade, esta chamada à oração é um pedido de Paulo pela oportunidade de difundir a palavra acerca de Cristo (Ef 6.18,19). Ele diz: **Orando também juntamente por nós** (3). Esta nota sempre está em sua boca, pois há muitos adversários (1 Co 16.9; 2 Co 2.11,12). A expressão **para que Deus... abra a porta da palavra** ressalta que, embora a expansão do evangelho esteja sob direção divina (At 16.7), também está sujeita a obstáculos satânicos (1 Ts 2.18). Talvez Paulo deseje ser liberto da prisão, caso fosse da vontade de Deus. Porém, preso ou solto, ele ainda falará do **mistério de Cristo**. Paulo não é covarde. Sua oração é pela retirada de todo obstáculo ao cumprimento da sua comissão. O versículo 4 é um pedido pela habilidade de pregar (Ef 6.18,19). O problema de ministros e professores cristãos também era o problema do apóstolo. Trata-se do problema de como deixar clara a mensagem do evangelho, pois esta é a força de **como me convém** (“como é o meu dever”, NTLH).

Sob o tema “Continue em Oração”, vemos: 1) A *necessidade* da oração, 2; 2) O *valor* da oração, 3; 3) O *propósito* da oração, 4.

Esta curta oração é surpreendente pelos itens que Paulo exclui de seus pedidos. Revela que sua paixão exclusiva é ser útil ao Senhor. Viver para Cristo não basta, embora seja necessário. O seu grande desejo é ser capacitado para falar o evangelho de maneira clara e convincente.

b) *Exemplo* (4.5,6). Orar também é insuficiente. O evangelho tem de ser vivido. Exemplo e influência são importantes. O versículo 1 fala sobre a conduta do cristão *dentro da* comunidade cristã. Da mesma forma, o versículo 5 fala sobre a conduta do cristão **para com os que estão de fora** da comunidade cristã. **Andai com sabedoria** (5; cf. 2.6) é portar-se com tato. A frase **para com os que estão de fora** está fértil de significado. Revela o lamento de Paulo, seu sentimento de missão e seu impulso motriz. Este é o segredo de sua tática e poder de persuasão sobre os incrédulos. Ele faz as pessoas perceberem que ele as ama. Eis exposta a alma do evangelista e do missionário.⁴⁶

Remindo o tempo (cf. Ef 5.16) significa que não devemos perder nenhuma oportunidade para testemunhar. Sugere que timing neste trabalho importante é fundamental. O cristão tem de agarrar a iniciativa. E especialmente apropriado para nossos dias, é o fato de que o tempo está se esgotando para fazermos esta obra redentora. Paulo ficava evangelizando o tempo todo. Na conjuntura colossense, na qual os falsos ensinamentos eram excessivos, ele exortou os crentes a tirar proveito da situação e divulgar a verdade — e justamente porque “os dias são maus” (Ef 5.16).

A **palavra** (6) do cristão deve ser **agradável** (de *charis*, “graça”, que significa a idéia grega de beleza). Até as coisas comuns são afetadas por estarmos em Cristo. Nosso discurso tem de ser digno de Cristo (3.17,23). **Temperada com sal** dá a entender que nossa **palavra** deve ser saborosa e sensata. **Para que saibais como vos convém responder a cada um** destaca nossa obrigação cristã de estarmos bem informados sobre nossa fé.

Paulo revela que a santidade ética é o fruto de apropriadamente entendermos e experimentarmos Cristo. Mostra que viver com integridade é evidência de ensino correto (1.7,8). A nova vida em Cristo suplanta a velha vida em pecados (2 Co 5.17). O apóstolo coordenou os assuntos, expôs os falsos mestres e entregou toda a questão a Deus, por confiar no poder da verdade.

SEÇÃO V

DESPEDIDA

Colossenses 4.7-18

A quantidade e importância dos assuntos tratados com tamanha profundidade e com tão poucas palavras nesta epístola são surpreendentes. Paulo teve ajuda de fora — ajuda de cima. Tais fatores não são menos evidentes nesta passagem final. Estes versículos falam da comunhão íntima dos crentes. Cada um é consumido pelos mesmos interesses; todos são membros interdependentes do corpo de Cristo. Há consideração mútua e profunda uns pelos outros, conforme indicam palavras como **console** (8), **combatendo** (12), **amado** (14).

Paulo mostra verdades claras sobre o *espírito* destes homens. Eles eram cheios de fidelidade (7), amor (9), perdão (10), oração e devoção (12) e zelo (13). A lista das características nobres é longa.

Nestas palavras de despedida, Paulo também revela elementos do culto na igreja primitiva. Eles se reuniam em casas (15). Cantavam hinos e canções evangélicas (3,16). Liam a Bíblia (16), faziam orações fervorosas (12) e ministravam uns aos outros do círculo cristão segundo a capacidade de cada um (8,14).

Tratavam-se de homens consumidos pelo senso de missão e destino. Eram chamados (17), enviados (8), servos (diáconos, 12) e responsáveis em assuntos redentores (12,17), chegando a ser presos (10).

Mesmo assim, o *indivíduo* não ficava perdido na nova comunidade espiritual. A identidade e o papel de cada um eram preservados. Havia intercessores, médicos, pregadores, doadores, mensageiros, servos e sofredores. Cada um cumpria seu dever com intensidade variada (12,13). Os tipos de personalidade mostravam-se pelas características e trabalhos de cada um. Suas relações eram estreitas e contínuas (10).

As saudações são nobres e afetuosas, adaptadas a cada pessoa mencionada. Paulo, com avaliação honesta e estimativa precisa de todos (note a reserva ao falar de Demas, 14), destaca seu respeito por cada um individualmente. Diríamos que ele tem poder para evocar a mais alta lealdade e o melhor serviço de outros homens.

A carta tem a assinatura de Paulo escrita de próprio punho (18). Há um pedido simples e uma oração final para que sejam deles o mais sublime e o melhor que Deus tenha a oferecer.

O apóstolo faz seus comentários relevantes mencionando os indivíduos em ordem: primeiro, os mensageiros, depois os colegas judeus que estão com ele e, por fim, os gentios.

A. OS PORTADORES DA MENSAGEM, 4.7-14

1. *Mensageiros* (4.7-9)

a) *Tíquico* (4.7,8). Este é o mensageiro que leva a carta. **Tíquico** ele completará a mensagem escrita com seu relatório verbal (Ef 6.21). Tecnicamente, ele não é diácono,¹ mas é mencionado cinco vezes no Novo Testamento (At 20.4,5; Ef 6.21; 2 Tm 4.12; Tt 3.12; e aqui). Sua missão é dupla: dar notícias acerca de Paulo e obter informações para o apóstolo; esta é a intenção das palavras **vos fará saber o meu estado** (8). Paulo chama **Tíquico** de **fiel ministro, e conservo no Senhor**. A relação entre Paulo e este companheiro cristão é estabelecida pela relação deles com o Senhor — ambos estão em Cristo.

b) *Onésimo* (4.9). **Onésimo** é escravo de Filemom, recentemente convertido e, por isso, **amado e fiel irmão**. Ele está voltando ao seu senhor em companhia de Tíquico. Paulo diz para a igreja em Colossos: Agora ele **é dos vossos**. Assim, o apóstolo atesta a experiência cristã de Onésimo e sua inclusão no corpo místico de Cristo. Embora escravo, ele é novo homem em Cristo. Ele também tem testemunho a dar e relatório a informar.

2. *Colegas Judeus* (4.10,11)

a) *Aristarco* (4.10). **Aristarco**, aprisionado no alvoroço em Éfeso (At 19.29), **está preso com** Paulo em Roma. Certos expositores sugerem que ele era apenas um prisioneiro metafórico. Mas esta dificilmente é uma conclusão aceitável, visto que Atos 27.2 declara que ele acompanhou Paulo a Roma.

b) *Marcos* (4.10). **Marcos** (João Marcos), um fracasso conforme registro em Atos 13, agora está restabelecido, aceito e recomendado pelo apóstolo.² Alguns ainda devem ter reservas quanto a ele, mas Paulo as dissipa totalmente (2 Tm 4.11). Não se sabe quando ou como os crentes colossenses haviam recebido **mandamentos**. Talvez um mensageiro tenha-lhes transmitido pessoal e verbalmente tais **mandamentos** ou tenha havido uma carta anterior. **Recebei-o** é mais bem traduzido por “dai-lhe bom acolhimento ou recepção cordial” (cf. BV). **Marcos**, diferente de Demas, representa os companheiros de trabalho que não desistem.

c) *Jesus* (4.11). **Jesus** era nome comum entre os judeus do século I. Seria natural o cristão hesitar em usar este nome sagrado; por conseguinte, entre os cristãos ele era **chamado Justo**. Ele, Aristarco e Marcos são as únicas pessoas **da circuncisão** (judeus) que estão com Paulo. A dúvida é por que havia tão poucos judeus convertidos. Pode ser lamentável que tão poucos fossem fiéis ou talvez seja motivo de alegria que tão poucos tivessem sido presos. **Cooperadores no Reino de Deus** é mais bem traduzido por “cooperadores para o reino de Deus” (RSV; cf. NTLH). Paulo diz que eles lhe são uma **consolação**.

3. *Gentios* (4.12-14)

a) *Epafras* (4.12,13). **Epafras** é o pastor de Colossos (1.7,8). Aqui Paulo faz sua avaliação do homem. Ele chega ao íntimo do coração e missão de Epafras quando diz: **Para que vos conserveis firmes, perfeitos e consumados em toda a vontade de Deus** (12). Esta é a oração do pastor pela santificação do seu rebanho. Este também é *insight* do que Paulo considera mais essencial no ministério (cf. 1.28). Uma vez mais a importância da oração se revela. **Combatendo sempre** (*agonizomenos*; lit., “agonizando”) **por vós em orações** (cf. 2.1) é como a agonia de Cristo no jardim do Getsêmani.³ **Perfeitos** (*teleioi*) nesta referência significa não só “completos”, mas tem também um conteúdo moral (cf. 1.28). **Consumados** (particípio) modifica **a vontade de Deus** e lembra 2.10.⁴ Significa total garantia (2.2) e inteira lealdade à revelação dada e à **vontade de Deus** (1.9). **Zelo** (13, *ponon*) significa trabalho duro ou tormento.⁵ Aristarco estava engajado em missão nacional. Seu ministério abrangia igrejas em três comunidades — Colossos, **Laodicéia** e **Hierápolis**.

b) *Lucas* (4.14a). **Lucas, o médico amado**, juntou-se ao grupo em Trôade (At 16.10). O fato é verificável, pois o autor de Atos (Lucas) passa a usar os verbos na primeira pessoa do plural (“nós”) naquele ponto da narrativa. A declaração no versículo 11 que fala que só Aristarco, Marcos e Justo são judeus é a principal evidência de **Lucas** ser gentio.⁶ Repare que dois escritores dos Evangelhos (Marcos e **Lucas**) estão com Paulo. Esta associação próxima assegura informações precisas e fontes humanas autorizadas para os próprios escritos paulinos.⁷ Observe também que **Lucas** é o único escritor gentio do Novo Testamento e que ele estava com Paulo no fim (2 Tm 4.11).

c) *Demas* (4.14b). A Epístola aos Colossenses e a Epístola a Filemom (cf. 24) foram redigidas antes da deserção de **Demas** e da escrita da Segunda Epístola a Timóteo (2 Tm 4.10). Nesta carta colossense, Paulo não fala nada sobre **Demas**. Este silêncio singular insinua dúvida ou temor em relação a ele.

B. OS DESTINATÁRIOS DA MENSAGEM, 4.5-17

Agora Paulo dá atenção aos irmãos da igreja colossense e da igreja laodicense.

1. *Ninfa* (4.15,16)

Ninfa era o líder ou pastor da congregação cristã em Laodicéia. Há duas leituras possíveis para o pronome que descreve o lugar onde a igreja se reunia. Pode ser mascu-

lino ou feminino, ou seja, a **casa** dele ou dela.⁸ Visto que Paulo está saudando irmãos, o masculino é a forma mais apropriada (cf. CH, NTLH, que traduzem pelo feminino). Era uma igreja que se reunia em **casa**, onde os discípulos cultuavam a Deus (cf. Rm 16.5; 1 Co 16.19). Do versículo 16, observemos que a Epístola aos Colossenses tinha de ser lida em ambas as igrejas; e que havia igualmente uma **epístola** dirigida à **igreja em Laodicéia** (missiva hoje perdida). Certos intérpretes sugerem que se refere à Epístola aos Efésios. **A que veio de Laodicéia** (16) tem de significar uma carta de Paulo escrita para os **laodicensês**; dificilmente seria uma carta **de Laodicéia** para Paulo.⁹

2. Arquipo (4.17).

Arquipo foi favorecido com uma mensagem especial de Paulo. Era uma ordem concernente ao **ministério** que **Arquipo** exercia, o qual fora dado **no Senhor** (cf. Fm 2). Certos expositores propõem que **Arquipo** precisava desta exortação, porque ele era relaxado.¹⁰ Talvez **atenta** (*blepe*, “vê”, “olha”, BAB) seja aviso sobre os caminhos tortuosos dos gnósticos.

C. A ASSINATURA DO REMETENTE, 4.18

Saudação de minha mão significa, provavelmente, que o apóstolo apanhou a pena do escriba e com sua letra acrescentou o versículo 18. Nestas palavras finais, Paulo quer que os crentes colossenses não esqueçam do sofrimento que ele passou em prol deles. Mas **lembrai-vos das minhas prisões** é mais que uma chamada à solidariedade. É também uma declaração de seu ministério e chamado, os quais estão subordinados à autoridade da Grande Comissão. É ele, o líder dos cristãos, que está preso. Mas temos de ressaltar que ele está preso *a Cristo* como também preso *por Roma*.

Graça, o favor imerecido do Senhor, é a suma da mensagem do evangelho. É a oração final de Paulo pelos crentes colossenses.

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹C. F. D. Moule, "The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon", *The Cambridge Greek Testament Commentary* (Cambridge: University Press, 1957), p. 33.
- ²Baur, Bultmann, etc.
- ³C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 38.
- ⁴H. C. G. Moule, "The Epistles to the Colossians and to Philemon", *The Cambridge Bible for Schools and Colleges* (Cambridge: University Press, 1893), p. 95.
- ⁵Archibald Thomas Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, Vol. IV (Nova York: Harper & Brothers Publishers, 1931), p. 470.
- ⁶H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 95.
- ⁷Wilfred Knox, *St. Paul* (Nova York: D. Appleton Company, 1932), p. 145.
- ⁸Alexander Maclaren, "The Epistles of St. Paul to the Colossians and Philemon", *The Expositor's Bible*, editado por W. Robertson Nicoll (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1903), p. 2.

SEÇÃO I

- ¹Ver Introdução.
- ²H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 63.
- ³W. J. Conybeare e J. S. Howson, *The Life and Epistles of the Apostle Paul* (Nova York: Thomas Y. Crowell & Company, Publishers, s.d.), pp. 30-34.
- ⁴C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 147.
- ⁵W. H. Griffith Thomas, *Christ Preeminent* (Chicago: The Bible Institute Colportage Assn., 1923), pp. 15, 16.
- ⁶Muitos estudiosos limitam o termo grego *hagios* (1.2; **santos**) à dedicação ou compromisso. Ver Thomas, Carson, Lightfoot e outros.
- ⁷Maclaren, *op. cit.*, p. 13.
- ⁸Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, vol. VI (Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.), pp. 748, 749.
- ⁹Otto Schmoller, "Galatians", *A Commentary on the Whole Bible*, editado por John Peter Lange, traduzido para o inglês por Philip Schaff (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1886), p. 49.
- ¹⁰A. J. Gordon, *In Christ* (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1880), p. 9.
- ¹¹C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 47.
- ¹²Ver comentários sobre 1.2.
- ¹³Ver Introdução.
- ¹⁴Adam Clarke, *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, vol. II (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.), p. 513.
- ¹⁵Robertson, *op. cit.*, p. 474.
- ¹⁶A esse respeito (1.6) ver tb. 1.23.
- ¹⁷W. Knox, *op. cit.*, p. 51.

- ¹⁸Citado em C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 51.
- ¹⁹E. Eberhard Nestle, *Novum Testamentum Graece* (Stuttgart: Privilegierte Wurttembergische Bibelanstalt, 1936), *in loco*.
- ²⁰C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 51.
- ²¹H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 68; Robertson, *op. cit.*, p. 475.
- ²²Herbert M. Carson, "The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon", *Tyndale New Testament Commentaries* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1960), p. 27.
- ²³Ver Introdução.
- ²⁴H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 69.
- ²⁵*Ib.*, pp. 68, 69. Nos manuscritos originais há confusão constante entre os pronomes "vós" e "nós" (ou "vos" e "nos"), porque estas palavras são quase idênticas em grego.
- ²⁶Ver comentários em 1.4b e na nota 32.
- ²⁷Robertson, *op. cit.*, p. 475.
- ²⁸H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 71.
- ²⁹Carson, *op. cit.*, p. 37. (Ver Robertson, *op. cit.*, p. 476.)
- ³⁰*Ib.*
- ³¹H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 54.
- ³²Carson, *op. cit.*, pp. 37, 38.
- ³³H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 55.
- ³⁴*Ib.*
- ³⁵Nestle, *op. cit.*, *in loco*.
- ³⁶H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 73.
- ³⁷Adam Clarke, *op. cit.*, p. 515.
- ³⁸C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 57.
- ³⁹Ver 1 Jo (esp., 1.7), onde a luz equipara a semelhança ética e Deus.
- ⁴⁰C. F. D. Moule, *op. cit.*, pp. 56, 57.
- ⁴¹*Ib.*, p. 56.
- ⁴²Deissmann, citado em Robertson, *op. cit.*, p. 477.
- ⁴³Lutero propõe erroneamente que o pagamento é feito a Satanás (1.14).
- ⁴⁴C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 58.
- ⁴⁵Citado em Harry E. Jessop, *Foundations of Doctrine* (Chicago: The Chicago Evangelistic Institute, 1944), p. 69.

SEÇÃO II

- ¹C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 62.
- ²Ver Jó 38; Sl 2.
- ³Citado em H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 77.
- ⁴Thomas, *op. cit.*, p. 41.

- ⁵C. T. Wood, *The Life, Letters and Religion of St. Paul* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1925), p. 320.
- ⁶Para inteirar-se de um artigo interessante sobre este assunto ver "If Scientists Create Life" (Se os Cientistas criarem Vida), de John R. Holum, *Christianity Today*, vol. VIII, n.º 7 (3 de janeiro de 1964), p. 3.
- ⁷H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 81.
- ⁸C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 69.
- ⁹Robert Jamieson, S. R. Fausset e David Brown, *A Bible Commentary*, vol. II (Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.), *in loco*.
- ¹⁰Alfred Barry, "The Epistle to the Ephesians, Philippians, and Colossians", *Bible Commentary*, editado por Charles John Ellicott (Londres: Cassell & Company, Limited., s.d.), pp. 101, 102. (Ver Robertson, *op. cit.*, p. 480.)
- ¹¹F. F. Bruce, "Colossians", *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1957), pp. 206-208.
- ¹²Liddell e Scott, *Greek-English Lexicon* (Nova York: American Book Company, 1882), *in loco*.
- ¹³Thomas, *op. cit.*, p. 48.
- ¹⁴John Knox, *Chapters in a Life of Paul* (Nova York: Abingdon Press, s.d.), pp. 151, 152. Ver J. Glenn Gould, *The Precious Blood of Christ* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1951), pp. 91ss.
- ¹⁵Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.
- ¹⁶W. J. Hickie, *Greek-English Lexicon* (Nova York: The Macmillan Company, 1934), *in loco*.
- ¹⁷John Calvin, "Commentary on the Epistles of Paul the Apostle to the Philippians, Colossians, and Thessalonians", traduzido para o inglês por John Pringle (Edimburgo: T. Constable, 1851), pp. 181-183.
- ¹⁸Ver comentários em 1.6.
- ¹⁹C. F. D. Moule, *op. cit.*, pp. 73, 74. (Ver Liddell e Scott, *in loco*.)
- ²⁰Maclaren, *op. cit.*, pp. 114, 115. Ele enfatiza a mudança dramática de Paulo ocorrida no momento de sua conversão (1.23).
- ²¹Citado em C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 50.
- ²²*Ib.*, p. 51.
- ²³H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 90.
- ²⁴F. W. Farrar, *Texts Explained* (Nova York: George H. Doran Company, 1899), pp. 263, 264.
- ²⁵H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 91.
- ²⁶*Ib.*
- ²⁷A. B. Simpson, *All in All or Christ in Colossians* (Nova York: Christian Alliance Publishing Company, s.d.), p. 18.
- ²⁸*Ib.*, p. 20.
- ²⁹C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 85.
- ³⁰Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.
- ³¹C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 85.
- ³²W. E. Sangster, *The Path to Perfection* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1943), p. 41.
- ³³W. T. Purkiser, *Sanctification and Its Synonyms* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1962), pp. 66-68.
- ³⁴Jessop, *op. cit.*, pp. 161, 162. Ele cita Joseph H. Smith na apresentação deste ponto (1.28).

³⁵H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 94.

³⁶Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.

³⁷Rev. E. Wayne Stahl (1.29): "Segundo a sua atividade sobrenatural trabalhando em mim em poder".

³⁸Maclaren, *op. cit.*, p. 149.

SEÇÃO III

¹Ver Ap 3.14ss. para inteirar-se de uma descrição da igreja em Laodicéia (2.1) ao término do século I.

²Ver Introdução para inteirar-se da questão sobre Paulo ter visitado as igrejas do vale do Lico.

³Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.

⁴C. F. D. Moule, *op. cit.*, pp. 85, 86.

⁵É possível que Paulo esteja emitindo uma nota evangelística (2.2).

⁶Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. III (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1946), p. 482.

⁷Maclaren, *op. cit.*, p. 161.

⁸Nestle, *op. cit.*, *in loco*. Ver tb. Alexander Roberts, *Companion to the Revised Version* (Nova York: Cassell, Petter, Galpin & Company, 1881), pp. 65-67.

⁹Robertson, *op. cit.*, p. 488.

¹⁰C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 86.

¹¹*Ib.*, p. 88.

¹²*Ib.*, p. 89.

¹³Jamieson, Fausset e Brown, *op. cit.*, *in loco*.

¹⁴Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.

¹⁵Carson, *op. cit.*, p. 59.

¹⁶C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 89.

¹⁷Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.

¹⁸H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 142.

¹⁹Farrar, *op. cit.*, p. 264.

²⁰Moule citado em Thomas, *op. cit.*, pp. 73, 74.

²¹Citado em C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 91. Vincent diz que os **rudimentos do mundo** (2.8) são "ensinos" (*op. cit.*, p. 486).

²²Maclaren, *op. cit.*, p. 193.

²³*Ib.*, p. 194.

²⁴Vincent, *op. cit.*, p. 486.

²⁵Farrar, *op. cit.*, p. 265.

²⁶Clarke, *op. cit.*, *in loco*.

²⁷H. R. Mackintosh, *The Doctrine of the Person of Jesus Christ* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1912), p. 73.

²⁸Bruce, *op. cit.*, pp. 234, 235.

²⁹Nestle, *op. cit.*, *in loco*.

- ³⁰Robertson, *op. cit.*, p. 77.
- ³¹Carson, *op. cit.*, p. 66.
- ³²William Barclay, *The Promise of the Spirit* (Filadélfia: The Westminster Press, 1960), p. 87.
- ³³Carson, *op. cit.*, p. 66.
- ³⁴Vincent, *op. cit.*, p. 488.
- ³⁵C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 97.
- ³⁶*Ib.*
- ³⁷*Ib.*, p. 98.
- ³⁸*Ib.*, p. 99.
- ³⁹Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁴⁰Vincent, *op. cit.*, p. 492.
- ⁴¹John Bowring. ["A Cruz", *Cantor Cristão*, n.º 84, verso 1. Letra em inglês de John Bowring e em português de Werner Kaschel (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1975; 4.ª impressão). (N. do T.)]
- ⁴²Jamieson, Fausset e Brown, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁴³Nestle, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁴⁴C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 106.
- ⁴⁵*Ib.*
- ⁴⁶Vincent, *op. cit.*, p. 495.
- ⁴⁷Citado em Jamieson, Fausset e Brown, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁴⁸W. Knox, *op. cit.*, pp. 138, 139.
- ⁴⁹C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 104.
- ⁵⁰Citado em C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 105.
- ⁵¹Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁵²Jamieson, Fausset e Brown, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁵³Este (2.19) é o ponto de vista de Masson, citado em C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 107.
- ⁵⁴Nestle, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁵⁵Vincent, *op. cit.*, p. 499, e outros.
- ⁵⁶C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 108.
- ⁵⁷Vincent, *op. cit.*, p. 499.
- ⁵⁸Edgar J. Goodspeed, *The Story of the New Testament* (Chicago: University of Chicago Press, 1916), pp. 42, 43.

SEÇÃO IV

- ¹Thomas, *op. cit.*, p. 92.
- ²Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.
- ³Maclaren, *op. cit.*, p. 261.
- ⁴A. S. Peake, "The Epistle to the Colossians", *The Expositor's Greek Testament*, editado por W. Robertson Nicoll, vol. III (Nova York: Hodder & Stoughton, s.d.), pp. 537, 538.

- ⁵Ver nota em 3.9.
- ⁶Vincent, *op. cit.*, p. 502.
- ⁷Peake, *op. cit.*, p. 538.
- ⁸Maclaren, *op. cit.*, pp. 279, 280.
- ⁹*Ib.*
- ¹⁰Nestle, *op. cit.*, *in loco*, notas de rodapé.
- ¹¹Maclaren, *op. cit.*, pp. 282, 283.
- ¹²Vincent, *op. cit.*, p. 502.
- ¹³Citado em C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 118. Ver William Barclay, *Flesh and Spirit* (Nashville: Abingdon Press, 1962), p. 52.
- ¹⁴Peake, *op. cit.*, p. 538.
- ¹⁵Outras listas: Gl 5.20; Ef 4.29-31.
- ¹⁶Barclay, *op. cit.*, p. 23.
- ¹⁷Purkiser, *op. cit.*, p. 58.
- ¹⁸Vincent, *op. cit.*, p. 503.
- ¹⁹Purkiser, *op. cit.*, p. 89, nota 14.
- ²⁰Aludido em Purkiser, *op. cit.*, p. 61.
- ²¹Henry E. Brockett, *Scriptural Freedom from Sin* (Kansas City: Nazarene Publishing House, 1941), p. 100. Cf. a análise nos comentários em Rm 6.6 e Ef 4.22 (CBB).
- ²²*Ib.*, p. 58.
- ²³Purkiser, *op. cit.*, p. 61.
- ²⁴C. F. D. Moule, *op. cit.*, p.120.
- ²⁵Vincent, *op. cit.*, p. 504.
- ²⁶C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 123.
- ²⁷Herman Olshausen, *Biblical Commentary on the New Testament*, vol. V (Nova York: Sheldon & Company, 1872), p. 232.
- ²⁸Carson, *op. cit.*, p. 87.
- ²⁹Ver Carson, nota 28.
- ³⁰Ver BJ, BV, NTLH, NVI, RA.
- ³¹Nestle, *op. cit.*, *in loco*.
- ³²Carson, *op. cit.*, p. 91.
- ³³C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 127.
- ³⁴E. Stanley Jones, *The Word Became Flesh* (Nova York: Abingdon Press, 1963), pp. 29, 30.
- ³⁵C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 128.
- ³⁶*Ib.*
- ³⁷Maclaren, *op. cit.*, p. 337.
- ³⁸Robertson, *op. cit.*, p. 506.
- ³⁹*Ib.*

⁴⁰Nestle, *op. cit.*, *in loco*.

⁴¹Robertson, *op. cit.*, p. 507.

⁴²C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 130.

⁴³Robertson, *op. cit.*

⁴⁴Fanny Crosby. ["Exultação", *Cantor Cristão*, n.º 15. Letra em inglês de Fanny Crosby e em português de Joseph Jones (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1975; 4.ª impressão). (N. do T.)]

⁴⁵Thomas, *op. cit.*, pp. 108, 109.

⁴⁶*Ib.*, p. 110.

SEÇÃO V

¹C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 136.

²Certos expositores sugerem que esta referência a Marcos (4.10) implica em uma data mais antiga para a Epístola aos Colossenses. Seja como for, Demas (14) ainda está com ele. Ver "Data", na Introdução.

³C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 138.

⁴Ver comentários em 2.10.

⁵Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.

⁶C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 137.

⁷*Ib.*

⁸Nestle, *op. cit.*, *in loco*.

⁹Carson, *op. cit.*, pp. 101, 102.

¹⁰Jamieson, Fausset e Brown, *op. cit.*, *in loco*.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- BARRY, Alfred. "The Epistle to the Ephesians, Philippians, and Colossians." *Bible Commentary*. Editado por Charles John Ellicott. Londres: Cassell & Company, Limited., s.d.
- BRUCE, F. F. "Colossians." *The New International Commentary on the New Testament*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1957.
- CALVIN, John. "Commentary on the Epistles of Paul the Apostle to the Philippians, Colossians, and Thessalonians." Traduzido para o inglês por John Pringle. Edimburgo: T. Constable, 1851.
- CARSON, Herbert M. "The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon." *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1960.
- CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, Vol. II. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.
- HENRY, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*, Vol. VI. Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.
- JAMIESON, Robert, FAUSSET, S. R. e BROWN, David. *A Bible Commentary*, Vol. II. Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.
- MACLAREN, Alexander. "The Epistles of St. Paul to the Colossians and Philemon." *The Expositor's Bible*. Editado por W. Robertson Nicoll. Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1903.
- MOULE, C. F. D. "The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon." *The Cambridge Greek Testament Commentary*. Cambridge: University Press, 1957.
- MOULE, H. C. G. "The Epistles to the Colossians and to Philemon." *The Cambridge Bible for Schools and Colleges*. Cambridge: University Press, 1893.
- OLSHAUSEN, Herman. *Biblical Commentary on the New Testament*, Vol. V. Nova York: Sheldon & Company, 1872.
- PEAKE, A. S. "The Epistle to the Colossians." *The Expositor's Greek Testament*. Editado por W. Robertson Nicoll, Vol. III. Nova York: Hodder & Stoughton, s.d.
- ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament*, Vol. IV. Nova York: Harper & Brothers Publishers, 1931.
- SCHMOLLER, Otto. "Galatians." *A Commentary on the Whole Bible*. Editado por John Peter Lange. Traduzido para o inglês por Philip Schaff. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1886.
- VINCENT, Marvin R. *Word Studies in the New Testament*, Vol. III. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1946.

II. OUTROS LIVROS

- BARCLAY, William. *Flesh and Spirit*. Nashville: Abingdon Press, 1962.
- _____. *The Promise of the Spirit*. Filadélfia: The Westminster Press, 1960.
- BROCKETT, Henry E. *Scriptural Freedom from Sin*. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1941.
- CONYBEARE, W. J. e HOWSON, J. S. *The Life and Epistles of the Apostle Paul*. Nova York: Thomas Y. Crowell & Company, Publishers, s.d.
- FARRAR, F. W. *Texts Explained*. Nova York: George H. Doran Company, 1899.
- GOODSPEED, Edgar J. *The Story of the New Testament*. Chicago: University of Chicago Press, 1916.

- GORDON, A. J. *In Christ*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1880.
- GOULD, J. Glenn. *The Precious Blood of Christ*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1951.
- HICKIE, W. J. *Greek-English Lexicon*. Nova York: The Macmillan Company, 1934.
- JESSOP, Harry E. *Foundations of Doctrine*. Chicago: The Chicago Evangelistic Institute, 1944.
- JONES, E. Stanley. *The Word Became Flesh*. Nova York: Abingdon Press, 1963.
- KNOX, John. *Chapters in a Life of Paul*. Nova York: Abingdon Press, s.d.
- KNOX, Wilfred. *St. Paul*. Nova York: D. Appleton Company, 1932.
- LIDDELL e SCOTT. *Greek-English Lexicon*. Nova York: American Book Company, 1882.
- MACKINTOSH, H. R. *The Doctrine of the Person of Jesus Christ*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1912.
- NESTLE, E. Eberhard. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Privilegierte Wurttembergische Bibelanstalt, 1936.
- PURKISER, W. T. *Sanctification and Its Synonyms*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1962.
- ROBERTS, Alexander. *Companion to the Revised Version*. Nova York: Cassell, Petter, Galpin & Company, 1881.
- SANGSTER, W. E. *The Path to Perfection*. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1943.
- SIMPSON, A. B. *All in All or Christ in Colossians*. Nova York: Christian Alliance Publishing Company, s.d.
- THOMAS, W. H. Griffith. *Christ Preeminent*. Chicago: The Bible Institute Colportage Assn., 1923.
- WOOD, C. T. *The Life, Letters and Religion of St. Paul*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1925.

III. ARTIGOS

- HOLUM, John R. "If Scientists Create Life." *Christianity Today*, Vol. VIII, n.º 7 (3 de janeiro de 1964), p. 3.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

9

Gálatas a
Filemom

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

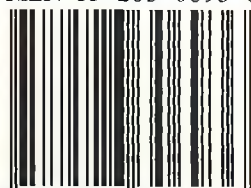
Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

R. E. Howard
Willard H. Taylor
John A. Knight
John B. Nielson
Arnold E. Airhart
J. Glenn Gould

ISBN 85-263-0693-6



9 788526 130693 6

REFERÊNCIA / COMENTÁRIO